

ZOOM

Revista da Disciplina Técnica de Reportagem II • ECO/UFRJ

#3

DEZ/2017

Sonhos e pesadelos de Rodrigo Maia

Presidente da Câmara dos Deputados fala de seu interesse no Palácio do Planalto e da reforma da Previdência

MULHERES NA POLÍTICA: Brasil tem um dos piores índices de participação feminina no Executivo e no Legislativo

O que fazer para evitar os suicídios

O mundo se move: imigração no Brasil

Projeto incentiva mulher na ciência

A paixão pelos times de menor investimento

ANÚNCIO

EDITORIAL

É chegado o fim do semestre letivo de 2017-2 e, com ele, apresentamos a 3ª edição da revista Zoom, um espaço voltado para a publicação das reportagens produzidas pelos alunos das duas turmas de Técnica de Reportagem II da Escola de Comunicação da UFRJ. Neste número, contamos com a participação especial da turma de Jornalismo Político, da qual tivemos a grata alegria de receber uma entrevista com o presidente da Câmara dos Deputados Rodrigo Maia (DEM-RJ). Sob a orientação da professora Fernanda da Escóssia, o(a)s jovens estudantes puderam exercitar a importante arte da entrevista, ainda mais com um personagem tão importante no cenário político atual do país.

A política segue como tema através da abordagem sobre a discrepante e histórica diferença entre o número de mulheres e homens ocupando cargos no Executivo e Legislativo. A fotografia do ministério de Michel Temer formado só por homens, logo depois do impeachment da presidenta Dilma Rousseff em 2016, era apenas o sintoma clássico do desequilíbrio já costumeiro entre as participações femininas e masculinas na política. Não por acaso o Brasil amarga as piores posições nos rankings da paridade entre os sexos nessa área.

O papel das mulheres continua em pauta com a reportagem sobre o projeto que tenta desconstruir a imagem masculinizada do cientista. Mesmo que as mulheres estejam em maior número nas universidades, em todas as regiões do país, quando se trata de cursos da área das ciências exatas, são os homens que ainda dominam.

Outros dois temas sensíveis abordados foram o suicídio e a imigração. O Brasil é destaque nos dois. No

primeiro porque vem registrando aumento de pessoas que atentam contra a própria vida – um crescimento de 12% de 2011 a 2015. Como atividade jornalística para os estudantes que propuseram a pauta e produziram a reportagem ficaram os cuidados necessários para cobrir um tema tão sensível. Eles aprenderam quão tênue é o limite, para o jornalismo, entre dar atenção ao tema de forma sensacionalista, podendo incentivar novos casos de suicídio, e se omitir sobre a questão.

No caso da imigração, foi necessário não aceitar a táctica ideia de que o Brasil é “legal” com os que chegam aqui vindos de outros países. Se os brasileiros recebem bem imigrantes brancos de origem europeia, nem sempre dispensam as mesmas cordiais saudações para os estrangeiros de pele negra e de traços indígenas, oriundos da África, América Latina e Ásia. Por fim, o futebol do Rio de Janeiro, mais precisamente a paixão dos torcedores pelos times do coração. Mas não pelas equipes elitizadas da série A do Campeonato Brasileiro. Por essas é fácil torcer.

O esforço da reportagem foi para mostrar o que significa ostentar a bandeira de Bangu, America, Bonsucesso e outros times “pequenos”. Pequenos, não! Chame-as de equipes de menor investimento, se não quiser fazer o sangue subir à cabeça dos apaixonados torcedores.

Esperemos que a revista cumpra seu papel de informar, da melhor forma possível. Ela é o produto dos esforços de jovens que estão dando seus primeiros passos no trabalho de reportar, mas desde já preocupados com a informação ética e de qualidade. Nos tempos atuais, é tudo o que precisamos para que as *fake news* não prosperem. Boa leitura!

“**Nos tempos atuais, informação ética e de qualidade é tudo o que precisamos para que as *fake news* não prosperem.**”

EXPEDIENTE

Zoom

Revista da Disciplina TÉCNICA DE REPORTAGEM II
ECL383

#3

2017-2 / dezembro

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Diretor AMAURY FERNANDES
Vice-Diretora CRISTINA REGO MONTEIRO
Coordenadora de Jornalismo CRISTIANE COSTA
Professores responsáveis
Turma 1 FERNANDO EWERTON
Turma 2 PAULO CÉSAR CASTRO
Turma Jornalismo Político FERNANDA DA ESCÓSSIA

Projeto Gráfico PAULO CÉSAR CASTRO
Capa FERNANDA ESTEVAM

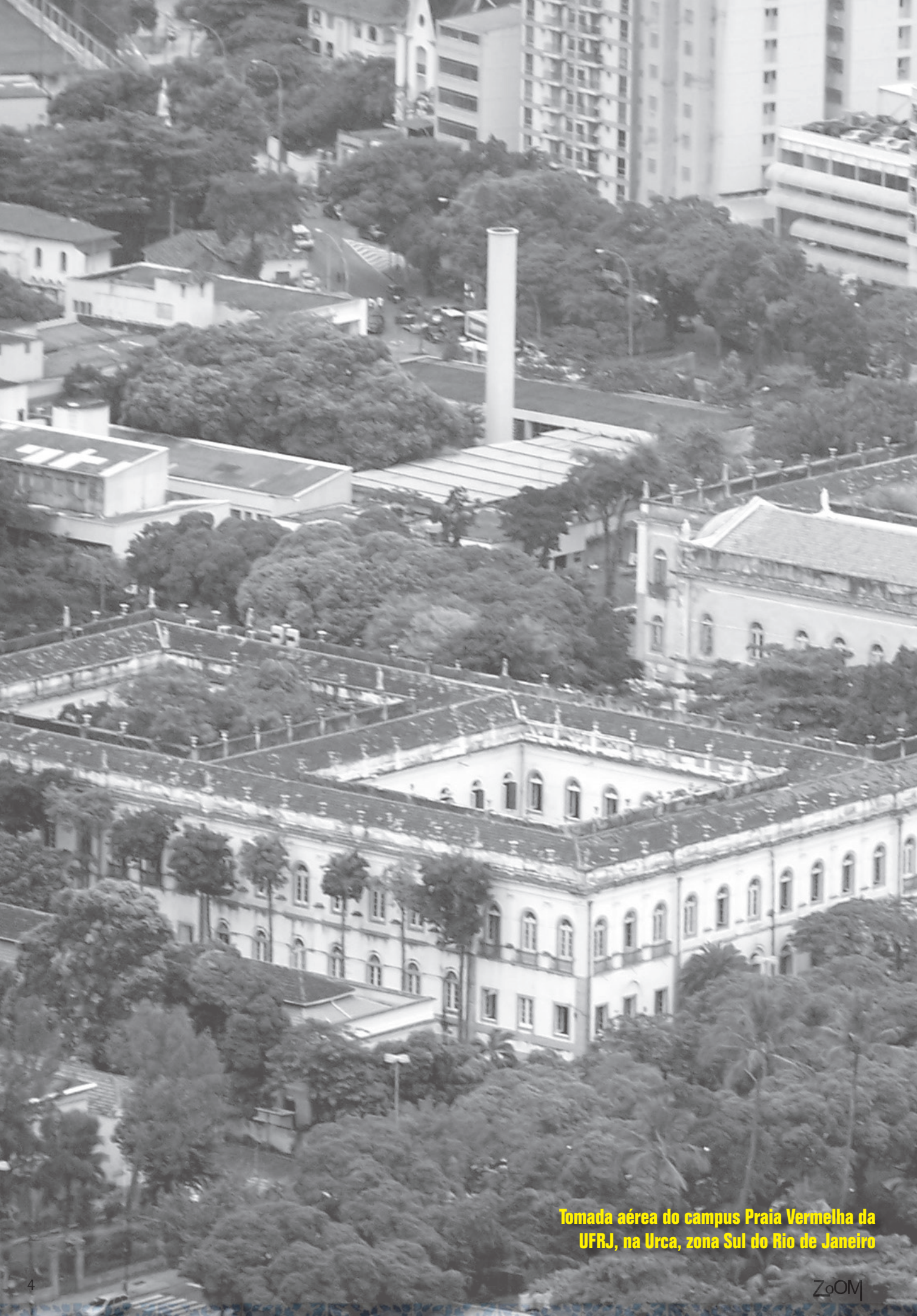
Participaram desta edição:

# Ana Carolina Santos	# Gabrielly Alves	# Matheus Antonio F. Dantas
# Ana Carolina Souza	# Guilherme Moreno	# Matheus Picinatti
# Ana Caroline Almeida	# Ingrid Mariz	# Mikael Arthur de M. Pessoa
# Beatriz Vianna	# Isabela Meira Aleixo	# Paulo Henrique A. dos Santos
# Bruna Vilar dos S. Pereira	# Júlia Sena	# Pedro Aquino Paiva
# Caio Brasil	# Juliana Castro	# Pedro Umberto
# Camila Fonseca	# Kariny Leal	# Priscila Firmino Carneiro
# Diego Klein	# Larissa Infante Hecht	# Rafaela Q. D'Elia Sampaio
# Fabiano da Silveira Ferreira	# Lavinya Andrade	# Raiane Cardoso Pinto
# Gabriel Leite	# Luciano Ferreira	# Roanna Azevedo Cunha
# Gabriel Monteiro	# Lusiane Sousa da Silva	# Stella Sacramento V. Soares
# Gabriel Nacif Paes	# Manuela Carpenter	# Vitória Souza Martins
# Gabriela Morgado	# Maria Paula Diniz	
# Gabriela Silva	# Mariana Martins	

ECO

Avenida Pasteur, 250 • Fundos • Praia Vermelha • Urca / Rio de Janeiro • RJ
www.eco.ufrj.br

As reportagens encontram-se hospedadas no site da disciplina: www.parlamidia.com



Tomada aérea do campus Praia Vermelha da UFRJ, na Urca, zona Sul do Rio de Janeiro

ZOOM

#3 • 2017-2 :: Dezembro

6

DE OLHO NO PALÁCIO DO PLANALTO

À frente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ) flerta com a Presidência da República, mas diz que lhe faltam os votos para a candidatura



12

POLÍTICA COM M DE MULHER

Apesar do maior contingente da população brasileira ser feminino, o Legislativo e o Executivo continuam a ter ainda o domínio majoritário dos homens

16

MENINAS NAS EXATAS

Projeto da UFRJ busca mostrar que, apesar do peso da tradição, a ciência não é sinônimo apenas da figura masculina

20

A VIDA NAS PRÓPRIAS MÃOS

Número de suicídios no Brasil cresce 12% entre 2011 e 2015, mas, segundo a OMS, 90% dos casos podem ser prevenidos



28

DE BRAÇOS ABERTOS, MAS NEM TANTO...

O Brasil até acolhe os imigrantes, mas se os traços físicos deles forem negros e indígenas, o tratamento dispensado muda substancialmente

34

TIME PEQUENO, PAIXÃO GIGANTE

A torcida por clubes de menor investimento ainda segue a tradição familiar e a ligação com o bairro, mas a internet tem ajudado muito a captar novos torcedores



A agenda de Rodrigo Maia

O presidente da Câmara dos Deputados sonha com a Presidência da República, mas diz que ainda lhe falta voto para isso

Participaram da entrevista: Ana Carolina Santos, Ana Carolina Souza, Ana Caroline Almeida, Beatriz Vianna, Bruna Vilar dos Santos Pereira, Fabiano da Silveira Ferreira, Gabriela Morgado Dias, Gabriel Nacif Paes, Ingrid Mariz, Isabela Meira Aleixo, Kariny Leal, Larissa Infante Hecht, Luciano Ferreira, Lusiane Sousa da Silva, Maria Paula Diniz, Manuela Carpenter, Mariana Martins, Matheus Antonio Fontes Dantas, Mikael Arthur de M. Pessoa, Paulo Henrique Assad dos Santos, Pedro Aquino Paiva, Priscila Firmino Carneiro, Rafaela Queiroz D'Elia Sampaio, Raiane Cardoso Pinto, Roanna Azevedo Cunha, Stella Sacramento Valverde Soares, Vitória Souza Martins

Orientação: Professora Fernanda da Escóssia

Ele chama o presidente da República pelo prenome – Michel – e defende todas as medidas impopulares de um governo com 3% de aprovação. Mais que defender, é ele quem decide quais serão votadas: aos 47 anos, o deputado Rodrigo Maia (DEM-RJ) foi alçado ao posto de presidente da Câmara em meio a uma crise política e tornou-se o dono da pauta de votações na Casa. Não à toa, em uma hora e meia de entrevista a alunos da UFRJ, usou 53 vezes a palavra agenda como síntese do que, em sua opinião, o governo precisa aprovar. Primeiro na linha sucessória do presidente Michel Temer, Maia é repetidamente cogitado como candidato do DEM ao Planalto, e as articulações para sua candidatura vêm crescendo. Em novembro passado, Maia antecipou aos estudantes: sonhar com a Presidência ele sonha, mas diz que não tem votos para isso. Afirma que, para transformar o sonho em realidade, precisa construir uma aliança em torno de seu nome: “Quando a gente aparece com traço, a gente tem sonho, não pretensão”.

Fiador de um governo fraco, Maia é taxativo ao afirmar que não porá em votação outros pedidos de impeachment contra Temer, porque acha que o principal, depois das delações de Joesley Batista, já foi votado. Na Câmara, começou como filho do ex-prefeito do Rio Cesar Maia, cresceu como negociador hábil e se fortalece como um líder de perfil. Defende a privatização de estatais, a reforma da Previdência e o corte de gastos públicos. É contra o casamento gay e adoção de crianças por casais do mesmo sexo: “Não é natural”.

Em novembro de 2017, Maia recebeu no Hotel Guanabara, no Centro do Rio, alunos de Jornalismo Político da Escola de Comunicação da UFRJ, disciplina então lecionada pela professora Fernanda da Escóssia. A seguir, trechos da entrevista:

Eleições

• **O senhor disse que todo deputado quer ser presidente da Câmara. O senhor tem pretensão de ser presidente do Brasil?**

Rodrigo Maia: Pretensão eu não digo, sonho... Pretensão a gente tem quando a gente aparece na pesquisa com 6, 7, 8%. Quando a gente apare-

ce com traço, a gente tem sonho, não pretensão.

• **O senhor gostaria de ser presidente do Brasil?**

RM: Tenho sonho, não tenho pretensão. Pretensão posso ter no dia em que eu tiver voto, pelo menos intenção de voto pra me colocar como candidato e tentar construir uma aliança. Se eu ti-

vesse intenção de voto, 6, 7, 8% numa pesquisa, teria as condições de construir uma aliança forte, porque tenho um nível de relacionamento com os partidos políticos de muita confiança dos dois lados, mas não tenho voto pra essa pretensão. Tenho sonho, claro, todo mundo que tá na política tem sonho de crescer. Cheguei até a presidência da Câmara... presidente da Re-



Rodrigo Maia, em entrevista para os alunos da ECO/UFRJ, disse que a sua agenda é a mesma do presidente Temer

pública claro que seria um sonho, mas por enquanto, como não tenho voto pra isso, é só um sonho.

• **Se o seu nome surgisse como opção de consenso, capaz de unir DEM, PMDB, o senhor toparia?**

RM: Sabe o que acontece? Consenso em eleição... Se fosse consenso eu toparia, mas o problema é que nome de consenso aparece quando você tem chance de vitória. Quando você não tem chance de vitória, não há consenso. Porque aí todo mundo acha: "Por que o Rodrigo com 1% é candidato e não eu que tenho 1,5%? Ou eu que tenho 0,5%, qual é a diferença? Ah, o tempo de televisão do DEM é x, o meu é x+20%. Por que vai ser o Rodrigo Maia que vai..." Então, essa equação não se sustenta. Por isso não é relevante eu falar disso, sobre a candidatura a presidente da República. Entendeu? Se eu tivesse 5 ou 6%, estaria trabalhando para me viabilizar com outros partidos, mas acho que não tenho, não terei e acho que não tenho uma agenda... Ao contrário, a agenda que eu tô defendendo é uma agenda árida, que é a Previdência.

• **E o governo do Rio?**

RM: Não. No Rio, tanto o meu pai quanto o Eduardo Paes, eles têm... Nós temos um grupo. Nenhum dos dois vai conseguir ter em Brasília a força que tenho para ajudar o Rio, e os dois têm toda a condição de ser melhor governador do que eu. O Rio está completamente falido, a reorganização é fundamental, a máquina não funciona... Principalmente o meu pai, que é o melhor gestor público que o Rio tem, mas também o Eduardo, qualquer um dos dois pode realizar o trabalho aqui igual ou melhor do que eu. Em Brasília, nenhum dos dois tem 10% da condição de ajudar o Rio como eu tenho, por isso eu acho que se eu ficar em Brasília ajudo mais o Rio. Construindo a candidatura com um dos dois a gente tem chance de ganhar e reorganizar o Rio muito melhor.

• **O senhor disse que apoiaria a candidatura do João Doria para presidente...**

RM: Não, eu não disse isso não. O que eu disse é o seguinte: se o DEM não tiver candidato... Eu tava na casa dele, né? Gosto dele, só acho que ninguém consegue correr uma maratona com o

ritmo de 100 metros rasos e chegar no final. Falei inclusive isso pra ele. Se o DEM não tiver candidato, e se o Doria for o candidato do PSDB, é um ótimo candidato, certamente pode ter o apoio do DEM. Foi o que eu disse. Bem, eu quero que o DEM tenha candidato e acho que o candidato do PSDB vai ser o Geraldo (Alckmin). Como não temos nome natural, o que estamos fazendo é organizar o partido para ter uma base para, lá na frente, decidir um candidato. Quer seja trazer um candidato, o que acho ruim, ou convencer um dos nossos a ser. Para que a gente tenha candidato ou possa ser um player forte no próximo ano apoiando um candidato, qualquer um que seja, a gente precisa ter uma estrutura pra que a gente possa, se não tiver condição de ter candidato a presidente, ter o vice. Naturalmente, o

“**Se eu tivesse 5 ou 6%, estaria trabalhando para me viabilizar com outros partidos, mas acho que não tenho, não terei e acho que não tenho uma agenda...**”

PSDB... O PSDB é o mais próximo da gente. A candidatura do Geraldo está consolidada em umas três semanas, acho eu, ela vai gerar um pólo. Então quem quiser gerar outro pólo no centro, acho que tem espaço. O Geraldo tem a vantagem de estar em São Paulo, tem a vantagem de ter muita experiência, mas tem a desvantagem porque eu acho que a sociedade está querendo alguém de uma geração anterior à dele.

“**Michel**”

• **A OAB entrou com um pedido de impeachment, que está parado, contra o presidente Michel Temer. O senhor pretende colocar isso para frente?**

RM: Já votamos duas denúncias sobre o mesmo tema. Vamos parar o Brasil para votar uma terceira? Na minha cabeça, esse assunto já foi votado. O mérito da OAB é o mesmo do Janot,

a delação da JBS. O que tinha de mais forte era a primeira denúncia, que tinha uma delação do dinheiro que o Rodrigo Rocha Loures recebeu com o Michel. Seria irresponsabilidade a gente tratar desse tema novamente. Não sei se tecnicamente, do ponto de vista regimental, eu posso, mas minha vontade regimentalmente é indeferir sem direito a recurso. A política, ainda mais com um governo fraco, é de muita pressão. Tem 18 impeachments, não é só o da OAB, né. Tem 18 pedidos. Como sou o primeiro da linha sucessória hoje, também não me sinto... até conversei outro dia com os advogados, acho que a legislação brasileira, é claro que não vai mudar isso agora, deveria ter previsão do impedimento meu para deferir ou não indeferir impeachment. Porque como sou o beneficiado... ou não, né, porque assumir o Brasil nessas circunstâncias, eu não sei se é beneficiado. Mas como sou o primeiro interessado, talvez eu não tivesse nem condição, acho que eu deveria estar impedido no julgamento.

• **Deputado, o senhor recebeu uma mensagem da sua mãe, falando que não conspirasse contra o governo Temer.**

RM: Isso.

• **Qual a motivação do senhor em apoiar esse presidente que tem 3% de popularidade? Como pretende explicar isso ao seu eleitorado?**

RM: Todos que votaram a favor do impeachment da presidente Dilma têm responsabilidade com o atual governo. Todo mundo sabia qual era a agenda que o Michel ia propor. Quando ele sentiu que a Dilma estava muito enfraquecida, no final de 2015, apresentou um documento na agenda econômica, a agenda que eu sempre trabalhei a minha vida inteira na Câmara dos Deputados. Quando votei o impeachment, eu sabia qual era a agenda que vinha para a pauta da Casa. Eu nunca imaginei que pudesse ser presidente da Câmara. Na primeira eleição ele não me ajudou. Acabei construindo com alguns partidos a minha eleição e acabei consolidando com PSDB, PSB, PPS, DEM, PC do B e parte do PT, mas mais PC do B. E PDT. São os seis com que eu construí um número de votos para ir ao segundo turno.

• **Aproveitando que o senhor fa-**



O tímido e emotivo Maia é contra a descriminalização das drogas e a união homoafetiva

lou da votação do impeachment de Dilma, no seu voto a favor, o senhor afirmou que foi em nome do seu pai e que ele foi atropelado pelo PT. Foi um voto de vingança?

RM: Não, mas quero deixar registrado que – olha como são as coisas – eu fiz esse voto e quem fez a intervenção aqui na saúde (do município do Rio, na segunda gestão de Cesar Maia) foi o José Dirceu. Agora estou com a aposentadoria dele no meu colo para decidir. Olha como são as coisas. Não foi um voto de vingança, mas quero deixar registrado o que a gente passou quando o PT estava superpoderoso porque é importante pra isso ficar registrado. Pro nosso grupo foi importante meu voto daquela forma. Mas não foi voto de vingança. Eu tinha certeza de que a Dilma, além de ter cometido o crime, não tinha mais nenhuma condição de governar o Brasil. Porque o voto, o julgamento político, não é só técnico não. O meu voto foi uma mistura das condições técnicas por óbvio, dos decretos ilegais, das pedaladas, que geraram inclusive muitos desvios, somado a um julgamento político.

Era insustentável o governo dela. Ela não tinha mais condições de governar, de forma nenhuma.

• Deputado, o senhor quer o presidente Temer no seu palanque em 2018?

RM: Eu quero a agenda do governo no meu palanque. Não sou do PMDB e não preciso ter o Michel no meu palanque. Agora, a agenda colocada pelo governo é a minha agenda. Defendo mais do que todos eles. Não tenho nem como fugir dessa agenda. Acho que ele não será um ator político na eleição pela rejeição que ele tem, mas a agenda dele está colocada e eu vou ser cobrado pela agenda. Vou defender a agenda. Não tenho nenhum problema em defender a agenda e fazer a crítica em erros que ele cometeu. Cada um tem que responder pelos seus erros e ele vai responder pelos dele.

• Como é a sua relação com Temer?

RM: Muito boa. Tive desavença política com o PMDB. O PMDB, no meio dessa crise toda, estava tentando

segurar o crescimento do DEM. O DEM tem 9 deputados agora e depois terá mais 5 deputados que estão vindo pro DEM; de alguma forma, PMDB entrou pra inviabilizar. Eu sabia que eles iam fazer isso. Conheço bem o entorno do Michel e avisei o DEM. Se você não impuser limite à ação do governo apoiando o PMDB, você acaba sendo engolido por eles. Do ponto de vista pessoal, nunca tive problemas, fui correto. Na primeira denúncia até fui surpreendido pela forma agressiva que o entorno do Michel me tratou, achando que eu estava trabalhando para derrubar o Michel e isso não existia. Aí entrou o negócio da minha mãe. Eu nunca fiz um movimento pra tirar o presidente. Como eu era o primeiro da linha sucessória, segurei o DEM pra não sair do governo porque achava que era importante não parecer que eu estava comandando um processo de derrubada do presidente. Eu achava que, se ele tivesse que cair, caísse pelo ambiente. Eu não ia ficar negociando governo em cima de uma denúncia que acho que não cabia.

Na primeira denúncia fui um pouco mais ativo exatamente pra não deixar o DEM sair do governo naquele momento. Podia até sair depois. Naquele momento eu achava que, pra mim, era ruim pessoalmente e acho que, para o partido, enfraqueceria minha posição como presidente da Câmara. A minha relação com ele, pessoal, é muito boa. Michel tem um perfil que... ele sempre deixou toda a decisão dele pro último minuto, para os 45 do segundo tempo. Isso acaba, em alguns momentos, gerando estresse em algumas relações. Agora, na hora que vem pra cima do meu projeto político, aí eu... Até porque tô ajudando o governo. Aqui no Rio tínhamos combinado que todas as ações do Rio passariam por uma conversa comigo. Em alguns momentos durante a denúncia ele fez direto. E aí fui cobrar: “Nós tínhamos um combinado aqui, não quero nada, só quero o seguinte, os investimentos do Rio, eu sou do Rio, tô ajudando o governo, quero também que eu tenha o ônus de ser governo e tem que ter o bônus também de poder liderar”.

• **Os delatores da Odebrecht disseram que o senhor teria recebido R\$ 100 mil. O que que o senhor tem a dizer sobre isso?**

RM: O cara fala o que ele quiser. O cara diz que foi no escritório do meu pai, do assessor do meu pai. A gente tinha uma sala juntos em Botafogo em 2008. Meu pai e o João Marcos não vão nessa sala há 10 anos. O que que eu vou fazer? Tá aí o inquérito. Eles vão ter que provar. O homem público tem que saber que isso faz parte, graças a Deus, do cotidiano da sociedade, cabe ao Ministério Público ter todas as condições de avançar. O Ministério Público trabalhou pra criminalizar a política. Ele não trabalhou focado nos casos com prova material já existente pra avançar, entendeu? No meu caso, não vai provar, vai arquivar. O tempo vai provar que não é verdade. Mas quem está na vida pública tem que estar preparado para isso.

Reformas

• **Como o senhor encara a reforma da Previdência?**

RM: O sistema deveria ser idade mais tempo de serviço, mas criaram uma interpretação no Judiciário que só cabe

um dos dois. As pessoas que ganham mais conseguem se aposentar com 25 anos de serviço. Elas se aposentam com 50, 52, 53 anos. Os mais pobres, por terem o trabalho mais precário e sem carteira assinada, não conseguem completar os 25 anos. Na média, um trabalhador mais pobre só consegue cumprir 15 anos de serviço e se aposentar com 65 anos. A reforma veio exatamente cobrir essa sangria. Só que a gente não consegue comunicar isso. A Previdência hoje consome 60% de todos os gastos obrigatórios do governo. A taxa de envelhecimento no Brasil está crescendo de 3,5 a 4% ao ano, enquanto a entrada de novos participantes é de apenas 0,8%. Isso significa que em cinco ou seis anos, 80% de todas as despesas obrigatórias do governo serão previdenciárias. A Previdência está consumindo tudo e vai continuar consumindo. Do ponto de vista político, entrar em uma eleição pra fazer proposta de alguma coisa sem passar

“ **Conseguir 308 votos nessa matéria (reforma da Previdência) não é tarefa das mais fáceis** ”

pelo obstáculo da Previdência é a política de ir pra eleição mentindo pro eleitor, por isso que eu defendo tanto a reforma da Previdência. Não tem mais espaço pro populismo. Não tem mais espaço pra ficar prometendo o que não tem pra entregar.

• **Já tem data para a votação?**

RM: Não, porque não tem voto. É uma crise muito grande para eu me livrar do problema de qualquer jeito. Conseguir 308 votos nessa matéria não é tarefa das mais fáceis. E ano que vem será mais difícil ainda. Tem uma pressão, é um jogo meio difícil de coordenar, porque você tem alianças que não são, do ponto de vista ideológico, afinadas nas três esferas, municipal, estadual e federal. Essas distorções no sistema eleitoral brasileiro acabam também atrapalhando um pouquinho a votação. Ano que vem (2018) é mais difícil ainda.

• **O senhor defendeu a privatização da Eletrobrás e de outras empresas afirmando que são “cabides de emprego e má gestão”. Que empresas acha que devem ser privatizadas e por quê?**

RM: O governo tem centenas de empresas menores que não deveriam existir. Essas efetivamente são só cabides de emprego. A Eletrobrás, não. Acabei generalizando e quando a gente generaliza nunca é bom. Tomo a Vale como exemplo, porque é uma empresa muito grande. O que aconteceu com a Vale, o faturamento, o lucro, a geração de emprego, salário. O governo não vai vender todas as suas ações, vai vender o controle, vai continuar com 40% das ações, para vender numa segunda parte, quando a empresa tiver um valor maior de mercado, e isso é uma estratégia correta. O que muito se critica nas privatizações anteriores é que se vendeu muito barato e o governo perdeu oportunidade de ganhar dinheiro.

• **Por que o senhor foi a favor da PEC do Teto dos Gastos?**

RM: Você tinha dois caminhos no Brasil. Se você não tem a PEC dos Gastos, você não tem então a necessidade, por exemplo, de votar a Previdência, os gastos orçamentários podem continuar crescendo. Tem uma coisa chamada relação dívida-PIB, de todos os países. É o grande indicador que os investidores no mundo observam, principalmente nos países em desenvolvimento, como o Brasil. A PEC do Teto organiza os gastos públicos. É uma coisa que eu nunca entendi, como é que o Brasil cresceu tanto com o Lula e cada ano que passava a gente comemorava o aumento do número de pessoas no Bolsa Família. Tinha alguma coisa errada, se o Brasil estava ficando mais rico, por que precisava de mais gente no Bolsa Família? Tinha que ser ao contrário: se o Brasil está ficando mais rico, menos pessoas precisam da Bolsa Família. Mas era o contrário porque o Estado brasileiro é isso, o Estado paternalista. O problema nosso é que o Brasil acabou sendo esse gigante que não serve pra muita coisa.

Aborto, maconha, casamento gay

• **O senhor declarou que proibir o aborto em caso de estupro não vai**

passar na Câmara. Qual a sua opinião sobre o aborto?

RM: Tem dois debates aqui: os extremos, que são aqueles que na verdade querem liberar o aborto, e tem aqueles na ultradireita, que não querem aborto pra nada. O que eu digo desde o início: o que está consagrado, está consagrado. O risco da vida à mulher, o anencéfalo e o estupro, isso aqui está consagrado. “Vocês colocarem um marco fora dos temas consagrados não tem problema, agora nós não podemos recuar.” Sobre o texto que foi aprovado, chamei a assessoria da Casa e eles me disseram que não atinge. Muito da polêmica é porque no fundo, no fundo, tem uma parte importante que quer liberar tudo. Essa é a queda de braço. O que estou fazendo: peguei o texto, pedi a dois, três ministros do Supremo com quem tenho relação pessoal, pedi que cada um deles me desse a opinião deles, se aquele texto de fato ele prejudica o que está consagrado ou não. Pedi ao presidente da comissão, um advogado de direita respeitado, um cara muito inteligente, o seguinte: “Ou você vai me dar uma saída pra respeitar o que está consagrado ou eu não tenho condição de votar, porque quem pauta no plenário sou eu”. A gente está tentando construir um texto que possa aprovar, resguardar pelo menos essas três coisas que já estavam consagradas por decisões, inclusive, do Supremo.

• O senhor é a favor da legalização, da descriminalização das drogas?

RM: Sou contra. Vou criar uma comissão especial para discutir a questão da maconha, porque acho que, se a Câmara não fizer, o Supremo vai fazer. Pelo que conheço do dia a dia das comunidades mais carentes do Rio, não acho que a solução passa por liberar a maconha, porque todo mundo fala que a maconha é mais leve e tem o aspecto medicinal. Discordo. A maconha é a porta de entrada das outras drogas mais pesadas e que têm gerado todo esse problema. A solução passa por projetos com foco na juventude que é mais vulnerável a estar, nem consumindo, mas trabalhando para o tráfico de drogas nas comunidades. O governo erra nessa área social. Mas não vejo a liberação da maconha como solução para o problema. Entendo até que a maconha tenha muita pressão para que se faça

isso, mas eu de fato não sou a favor.

• Quando o senhor era candidato à prefeitura do Rio em 2012, afirmou que era contra a união homoafetiva e a adoção de crianças por esses casais. Eu queria saber se o senhor continua com esse posicionamento.

RM: Sou contra. O casamento é uma liturgia da igreja cristã, católica e evangélica. Essa é uma disputa desnecessária. A união civil resolve o problema. Duas pessoas do mesmo sexo querem estar juntas: o casamento civil resolve o problema. Essa disputa pela palavra “casamento” é completamente desnecessária, mais política do que efetiva. E a adoção por pessoas do mesmo sexo só em casos muito excepcionais, como de uma mãe que já tinha um filho depois que casou com outra mulher, porque ela já é mãe, não precisa da adoção. Mas a adoção por duas pessoas do mesmo sexo eu sou contra.

“ A adoção (de crianças) por duas pessoas do mesmo sexo eu sou contra ”

• Por quê?

RM: Acho que a família (...) é porque eu acho que você não vai produzir aquilo de forma natural.

• O que é natural para o senhor?

RM: Natural é um homem e uma mulher, que têm que ter um filho. Duas pessoas do mesmo sexo não vão conseguir gerar uma criança. Essa disputa de ideologia de gênero, que você quer que uma criança de 6 anos tenha uma certidão de nascimento sem definição, para mim, é uma barbaridade. A criança nasce homem ou nasce mulher. Nasce fêmea ou nasce macho. Se depois, durante a vida, vai ser homossexual, o problema é dela, é direito dela, não tem problema nenhum. Tenho amigos homossexuais, muitos, são meus amigos, frequentam minha casa, não tenho problema com isso. Acho é que se quer encaminhar, dar naturalidade para uma coisa que, do

meu ponto de vista, não é natural. É só isso. Agora, o casamento, você vai ficar brigando com as igrejas para o resto da vida. Quem ganha com isso? Talvez os políticos: de esquerda, de direita, que tão aí se... O (Jair) Bolsonaro (presidenciável de direita radical, do PSC) não cresce pela questão da segurança pública, cresce no conflito com a Maria do Rosário (PT) e o Jean Wyllys (PSOL) nos valores. O tema dos valores passou a ser muito forte. Isso tem atrapalhado o Brasil. Esse radicalismo dos que pensam de uma forma como de outra, como o caso do aborto e da direita, isso não tem ajudado o Brasil.

• O senhor sabe se os seus amigos homossexuais têm filhos?

RM: Os meus não, os meus não. Os meus amigos não.

• Deputado, antes do discurso da posse da presidência da Câmara o senhor tomou três calmantes. Como anda a sua saúde? Como anda a sua rotina? O senhor consegue, por exemplo, ir ao cinema?

RM: [risos] Não consigo, não.


• Assistir ao jogo do Botafogo?

RM: Botafogo, outro dia, eu fui. Contra o time do Uruguai no Engenhão. Mas só isso. A agenda... não tem muito tempo, né. Tenho tentado fazer exercício, já que não consigo fazer dieta. Já ajuda... mas só. Não tomo remédio, minha mulher fica querendo que eu tome... não tomo. Às vezes acordo de madrugada com muita dor de cabeça. Isso uma vez a cada 2 meses. Aí eu acordo, tomo um negócio pra dor de cabeça e durmo.

• Vi que o senhor é meio retraído ... e também o senhor já chorou em público algumas vezes. Quería saber se o senhor se acha tímido e emotivo.

RM: Sou tímido. Sou emotivo. Tímido muito, pô. Na minha primeira eleição pra falar era uma dificuldade.

• E emotivo?

RM: Sou. Bastante. Mais do que deveria. Tenho que me controlar às vezes. Eu aperto aqui o dedo às vezes assim (e aperta a ponta do polegar com a unha). Já aprendi. 

 Versão online: www.parlamidia.com/rodrigo-maia

Política, substantivo FEMININO

Maioria no Brasil, ao poucos as mulheres caminham para ocupar cada vez mais cargos no Executivo e Legislativo do país

Manuela Carpenter

O PAÍS TEM *um dos piores índices do mundo em paridade dos sexos na política, ocupando a 154ª posição entre 193 nações do mundo analisadas e a 3ª na América Latina, à frente apenas de Belize e Haiti, segundo a União Interparlamentar (UIP)*

“**U**m mar de ternos e gravatas.” É assim que Jandira Feghali ilustra o dia a dia dentro da Câmara dos Deputados, em Brasília (DF). A deputada federal pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB-RJ) é uma das mulheres que ocupam 55 dos 513 assentos no plenário; no Senado, dos 81 eleitos apenas 12 são do sexo feminino. São os homens que dominam o debate político em um país de maioria feminina, para o comando do qual foi eleita uma mulher, logo depois derrubada, e que tem um dos piores índices do mundo em paridade dos sexos na política. Dados da União Interparlamentar (UIP) colocam o Brasil na 154ª posição, dentre os 193 países analisados, em relação a mulheres que ocupam espaços nos parlamentos. Ruanda, Bolívia e Cuba impressionaram, conquistando os três primeiros lugares do ranking com 63,1%, 53,1% e 48,9% de presença feminina, respectivamente – à frente de sociedades com tradição de equidade entre homens e mulheres como Suécia, Islândia, Dinamarca e Noruega. Comparado com outras nações latino-americanas, o Brasil, se-

gundo o estudo, é o terceiro país com menos parlamentares do sexo feminino no Congresso, estando acima apenas de Belize (183º) e Haiti (187º). O cenário não muda quando se analisa o Executivo. Em pesquisa divulgada em 2017, também pela UIP, dentre 174 países, o Brasil ficou na 167ª posição com apenas uma ministra - atualmente são duas. Uma nação onde mulheres são 51,6% dos 203,2 milhões de habitantes entrega poucos resultados quando o assunto é a pluralidade dentro de seus salões de poderes.

A vontade de ser candidata muitas vezes fica em segundo plano na vida de uma mulher. Gorete Pereira, 65 anos, é deputada federal pelo Ceará, eleita como candidata do Partido Republicano (PR). Depois de ter escolhido a carreira de fisioterapeuta, diz que foi a política que a escolheu, ao decidir lutar por pautas sociais. Ingressou nesse universo em 1988, quando se elegeu vereadora, reelegendo-se logo em seguida. Foi também deputada estadual e hoje está em seu quarto mandato como representante, em Brasília, do estado nordestino. “Não venho de família com tradição política. Minhas candidaturas foram lastreadas pelo trabalho. Até hoje é assim. A mulher precisa ter um traba-

lho consciente e contínuo para sustentar a candidatura. Quando iniciei, não havia apoio a candidatas femininas e, passadas quase três décadas, ainda há pouco. Somos maioria da população e lutamos por cota nos parlamentos”, afirma Gorete.

As cotas que a deputada menciona fazem parte da Lei nº 9.504/1997. De acordo com o texto, “cada partido ou coligação preencherá o mínimo de 30% e o máximo de 70% para candidaturas de cada sexo”. O verbo “preencherá” foi incluído na lei em 2009, em resposta a críticas ao artigo inicial que obrigava uma “reserva” de vagas. Partidos não cumpriam a cota sob o argumento de que reservavam as posições, mas as mulheres não se candidatavam a ocupá-las. Jandira, de 60 anos, diz que a dificuldade para se eleger existe por causa do sistema eleitoral brasileiro e seu histórico. “Mulheres são menos privilegiadas para os pleitos, com dificuldade dentro dos partidos de angariar recursos e estrutura de campanha. O financiamento acaba sendo majoritariamente voltado para os candidatos homens. É uma visão distorcida de que eles têm mais chances de se eleger. Geralmente, se vê nos partidos mulheres candidatas apenas para atingir a cota exigida pelo

* Reportagem produzida na turma 1 da disciplina Técnica de Reportagem II, ministrada pelo prof. Fernando Ewerton

Tribunal Superior Eleitoral (TSE).”

Em pesquisa de 2014 realizada pelo DataSenado e promovida pela Procuradoria Especial da Mulher, os resultados comprovam a fala da deputada: 62% das entrevistadas disseram que estariam dispostas a se candidatar caso tivessem a chance de se eleger; os homens responderam “sim” em 66% dos casos. A falta de apoio dos partidos políticos foi apontada por 41% das participantes como o principal motivo para que poucas mulheres ingressem na política; 23% apontam a falta de interesse pelo tema; 19%, a dificuldade de concorrer com um homem; e 5%, o tempo dedicado às tarefas domésticas. “Falta apoio dos partidos e há a questão da múltipla jornada. A mulher não tem tanta disponibilidade para fazer política, participar de reuniões onde os debates acontecem”, comenta Gorete.

Segundo os números do TSE, na última eleição, em apenas 24 municípios dos 5.568 onde há disputa de voto as mulheres representaram a maioria dos eleitos para a Câmara dos Vereadores. Em 1.286 cidades não houve nenhuma mulher eleita para o cargo de vereadora e mais de 18 mil candidatas não receberam sequer um voto, contabilizando uma entre cada oito figuras femininas a tentar ocupar um cargo no legislativo de onde moram. O Ministério Público Eleitoral investiga essas candidaturas, por acreditar que os partidos estejam fraudando a inscrição

“Mulheres são menos privilegiadas para os pleitos, com dificuldade dentro dos partidos de angariar recursos e estrutura de campanha”

Gorete Pereira, deputada federal (PPR-CE)

de mulheres para completar a cota estabelecida pela justiça. Mas é possível alcançar a funcionalidade das cotas. Foi graças a esse sistema que a Bolívia chegou, hoje, ao segundo lugar no ranking da UIP, aumentando sua colocação em 42% de 1997 a 2015. Sua primeira política de cotas foi institucionalizada em 1997, mas foi em 2009 que uma norma de paridade política nos cargos representativos nacionais foi instituída. É o único país a conseguir alcançar um equilíbrio de homens e mulheres dentre todos os latino-americanos que também instituíram a paridade – Equador, Costa Rica e Honduras. Por lá, o partido não consegue lançar a candidatura se o percentual determinado não for atingido.

• Trajetória

Ana Maria Lipke é cardiologista, tem 74 anos e participou diretamem-

te da política carioca durante o ano de 1999. “Um mandato de vereadora muito produtivo”, segundo ela, que continua filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT). Envolvida com a temática da mulher desde o empoderamento do movimento feminista, Ana enxerga até hoje várias das dificuldades que as mulheres de 20, 30, 50 anos atrás enfrentavam. “A mulher geralmente não tem só dupla tarefa, ela tem tripla também. Ela nunca deixa de ter as suas atividades como mãe, como dona de casa, por mais que delegue para outras pessoas que a ajudam.” A dificuldade financeira e outros fatores comentados também pelas deputadas federais integram a lista de obstáculos a serem ultrapassados. “A mulher nunca se viu em um papel preponderante. Ela sempre se viu como secundária ao trabalho do homem, tanto que se dizia que ‘atrás de um grande homem existe uma grande mulher’. O marido, o irmão é quem tem que ir pra política. Ela fica na retaguarda, nunca se viu como a primeira, como a protagonista”, diz a cardiologista.

Ana conta que observava, e ainda observa, amigas sem se candidatar porque se colocam como segunda opção para candidaturas de um homem, quando elas mesmas poderiam participar do pleito. “Leva um tempo pra convencer uma mulher a sair candidata, ela não se julga capaz de concorrer com os homens”, avalia. Em sua pri-





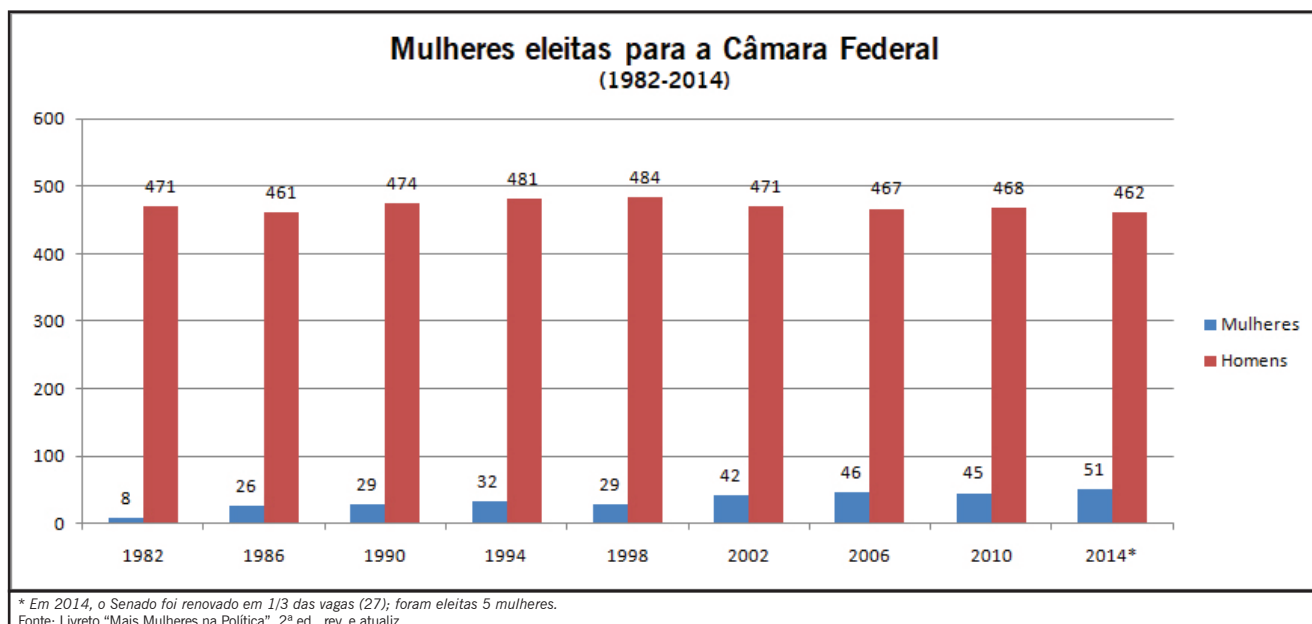
Deputada Gorete Pereira (PR-GE):
“Somos maioria da população e lutamos por cota nos parlamentos”

meira semana na Câmara, Ana se sentiu triste. Entendeu que estava insatisfeita com o despreparo e a maneira de se fazer política dos outros vereadores. Mas então percebeu que era por isso que estava ali, sendo minoria “para levar alguma voz, alguma proposta diferente.” Ela relata que, se houvesse uma vereadora e um vereador, sempre era dado um jeitinho para que o vereador aparecesse primeiro: “Mas não aparecia porque nós mulheres que

chegamos a esses cargos sabemos brigar. Se existe algum tipo de desrespeito, a gente não ia deixar passar”.

O Projeto Mulheres Inspiradoras se baseou em dados do TSE e do Banco Mundial para indicar que a participação de mulheres no parlamento federal brasileiro cresceu 87% entre janeiro de 1990 e dezembro de 2016, passando de 5,3% para 9,9%. Assim, superou a média de crescimento mundial no período. A média mundial subiu de 12,7%,

em 1990, para 23%, em 2016. Mas seguindo esse movimento, o estudo concluiu que o Brasil só alcançaria a igualdade de sexos dentro do Congresso em 2080. São 30 anos de atraso em relação à média atingida pelos países em 1990. “A aceitação da mulher na política está demorando muito para acontecer. As resistências perduram, mesmo após conquistas como o estabelecimento de percentual mínimo de candidaturas femininas para as eleições propor-



cionais”, explica Gorete. Para ela, a importância dos partidos políticos na evolução do processo é fundamental. Presidente do PR Mulher, ela acredita que são os políticos que devem contribuir para a capacitação de mais mulheres e para encorajá-las a ocupar cargos na administração pública.

Ana concorda que as dificuldades maiores estejam dentro do próprio partido e na iniciativa das mulheres. “Eu gostaria muito de que, quando entrasse em um ambiente desses, eu não precisasse brigar pelo meu espaço, ele já estaria lá.” Ela afirma que as mulheres do PT se unem para exigir o respeito ao papel delas mas de maneira superficial: “Se tem uma reunião estadual ou municipal do partido para escolher o diretório, você só vê homem sentado na mesa. As mulheres reclamam em todos os fóruns, mas na hora de estar ali, elas não questionam. Cadê aquelas mulheres que brigam pelo Facebook?”

• As visões sobre ser mulher

Assim como Ana, Norma Ayub foi eleita para o seu cargo atual como suplente mesmo recebendo cerca de 65 mil votos, mais do que alguns homens eleitos. A deputada federal capixaba, eleita pelo Democratas (DEM), ingressou na política para seguir o sonho do pai e por influência do marido, políticos do Espírito Santo. Ela foi prefeita de Itapemirim (ES), durante dois mandatos, em 2004 e em 2008. Em 2014, tentou a Câmara e ficou na suplência, assumindo em 2017. Mas, diferentemente de Gorete e Jandira, Norma diz que não enfrentou obstáculos para se eleger e sente que não existe discriminação pelo fato de ela ser mulher e política. “Sou respeitada por todos. Acredito que separar só gera discriminação. Nós mulheres temos as mesmas responsabilidades e sempre nos destaca-




mos, cada dia mais estamos crescendo. Muitas mulheres que conquistaram vagas importantes na política, assim como nas empresas, não foi por serem mulheres, mas sim pelas qualidades profissionais, pela determinação, pelo trabalho que realizam.”

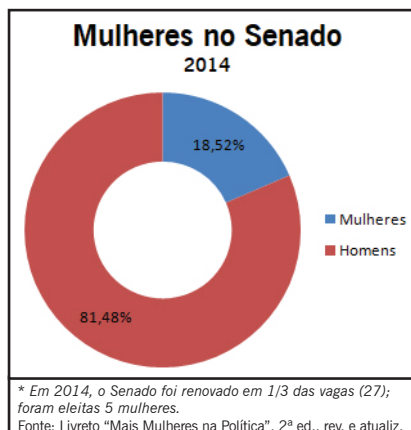
As três deputadas concordam quando o assunto é a relação entre as mulheres: existe uma forte união na Câmara federal, acima dos partidos políticos. Norma conta que são apenas duas as mulheres que representam o DEM, mas que são todas “muito solidárias”. Gorete explica que as deputadas estão juntas para defender e garantir a atuação no Congresso Nacional. “Esse espírito de união prevalece na luta pelo empoderamento feminino e pela ampliação da participação da mulher na política nacional.”

• Política feminina?

Jandira usa uma música do Lenine para explicar como se porta na política: “Eu me envergo, mas não quebro”. Sim. Elas entendem que existe uma maneira única de se fazer política enquanto mulher. “Acho que mulher faz política diferente de homem no sentido de que tem mais coração. Não no sentido de que é mais boazinha, ela tem uma visão mais humanitária. A dona

de casa tem uma visão mais global, ela sabe tudo da casa dela, administra tudo aquilo. Já o homem tem uma visão mais segmentada. Não é aquela coisa piegas, ela é mais humanizada no sentido mais amplo da palavra. Mas tem muita mulher que não se importa, então não basta apenas ser mulher”, explica Ana. A médica acredita ainda que a eleição de Dilma Rousseff “contemplou a geração feminista, mas foi exemplo para uma geração mais nova que se interessa por política”. Em dois municípios, Lucrécia (RS) e Planalto Alegre (SC), todas as candidatas a vereadoras – três em cada localidade – foram eleitas em 2016.

Gorete diz que o combate às disparidades é um estímulo para sua trajetória de luta. Ser mulher é “vencer muitas outras batalhas para conquistar direitos tão básicos quanto o de frequentar escolas e universidades; de votar e de ser votadas; e até o direito de trabalhar sem precisar da autorização de um homem. As oposições foram muitas e vieram de todos os lados – das autoridades ou mesmo de dentro de casa. Mas ultrapassamos barreiras e nos firmamos como integrantes ativas da sociedade – qualificadas, produtivas, dinâmicas e capazes de assumir responsabilidades”, afirma. 



MENINAS hoje, CIENTISTAS amanhã

Projeto da UFRJ incentiva alunas da rede pública a seguirem carreiras na área da ciência

Lavinya Andrade

MESMO QUE O *número de mulheres matriculadas na graduação seja maior que o dos homens, tanto na modalidade presencial quanto à distância, em cursos como Química, Física, Matemática e Medicina, a participação feminina é de 41%*

A cena projetada na tela provoca risos e burburinhos entre as estudantes. No curta-metragem “Acorda Raimundo, acorda”, de 1990, com roteiro e direção de Alfredo Alves, o marido cuida dos filhos, faz a comida e limpa a casa, enquanto a esposa trabalha fora e gasta o dinheiro bebendo com as amigas. Mas a “inversão” de papéis dura pouco. Logo o marido desperta do sonho e continua a explorar a mulher, exigindo o café pronto, roupa passada e filhos de banho tomado. As estudantes que estão assistindo ao filme não ficam muito impressionadas com o desfecho. Afinal, essa é a realidade com a qual a maioria delas está acostumada. Discutir o papel da mulher na sociedade contemporânea é um dos pilares do projeto Meninas na Química, desenvolvido pelo Laboratório Didático de Química (LaD-Quim) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Criado em 2014, a partir de uma iniciativa da Secretaria de Políticas para Mulheres, que buscava fomentar projetos de inserção de meninas nas áreas das ciên-

“**Mesmo que levemos em conta os avanços recentes em termos de acesso ao ensino médio e ao superior, as chances não são variadas nem igualmente distribuídas**”

Andrea Moraes Alves, professora da Escola de Serviço Social da UFRJ

cias exatas, engenharia e computação, o Meninas na Química se propõe a desmistificar a imagem masculinizada do cientista, incentivando alunas da rede pública a seguirem carreiras na área da ciência.

“Devido ao trabalho já realizado no LaDQuim com alunos do ensino médio, já era perceptível o distanciamento das meninas em relação ao ensino de química, o que me levou a propor um projeto que levantasse questões sobre esse desinteresse e que contribuísse para sua diminuição”, esclarece Viviane Gomes Teixeira, professora de Química Analítica do

Instituto de Química da UFRJ, com doutorado em Ciência e Tecnologia de Polímeros, e coordenadora do projeto. Esse objetivo parece estar sendo alcançado com sucesso. Segundo Mauro Bruno Oliveira Mattos, professor de Química no Colégio Estadual Antônio Prado Júnior, uma das instituições nas quais o projeto é realizado, o Meninas na Química é “um grande auxílio aos professores destas áreas, pois muitos alunos já vêm com uma ideia negativa das nossas disciplinas”.

Destinado a alunas do 1º e 2º ano do Ensino Médio, o projeto não impede meninos de participarem. “Quando o projeto chegou na escola só sendo proposto para as meninas, tive um baque. Me perguntei: ‘por que só as meninas?’. Então eu me inscrevi e lá fui aprendendo que não se tratava de algo específico para meninas, meninos também podiam participar”, recorda Glaucio Henrique Evangelista de Freitas, de 18 anos, aluno do Colégio Estadual Raul Ryff e participante do projeto em 2015. “As discussões que as meninas levantavam eram incríveis, acho que faziam muitas delas pensarem sobre o que podiam fazer, qual era seu dever na sociedade, que deveriam buscar direitos iguais, além

* Reportagem produzida na turma 1 da disciplina Técnica de Reportagem II, ministrada pelo prof. Fernando Ewerton



Equipe do Projeto Meninas na Química: Lohrene Lima, Jenifer Novaes, Rayssa Furlanetto, Ester Barbosa, professora Viviane Teixeira, Monique Braz e Bárbara Maia (da esquerda à direita)

de apresentar diversas mulheres que foram muito importantes na área da ciência. Tudo isso de uma maneira didática e divertida”, acrescenta.

Para despertar o interesse das alunas, uma das estratégias do projeto é oferecer oficinas de produção de cosméticos, como creme hidratante, óleo corporal e batom. Esse foi um dos motivos pelos quais Julia Adriane Oliveira, de 15 anos, resolveu participar em 2017. “Me interessei pelo curso por causa dos cosméticos, mas não só por isso. Os assuntos trabalhados me interessavam e a gente não falava só de química, como de tudo: mulheres, feminismo e outras coisas”, diz a aluna do Colégio Estadual Antônio Prado Jr. A diversidade dos assuntos trabalhados é um diferencial do projeto, que não se limita a questões do campo da ciência. Debates a respeito da relação do conceito de beleza, construção da auto-imagem, igualdade de direitos e empoderamento estão pre-

sentes durante todos os encontros da equipe com as participantes, aliados à realização de experimentações científicas. “O Meninas na Química busca mostrar que problemas sociais, culturais, políticos e econômicos, principalmente focados no feminismo, podem ser discutidos em aulas que não sejam da área de humanas”, explica Lohrene Lima da Silva, 22, integrante do projeto há dois anos. Por esse motivo, o grupo que compõe o Meninas na Química é diverso: estudantes dos cursos de Letras, Filosofia, Ciências Sociais, Química, entre outros, se unem para mostrar que a mulher pode ser tudo o que quiser, inclusive química.

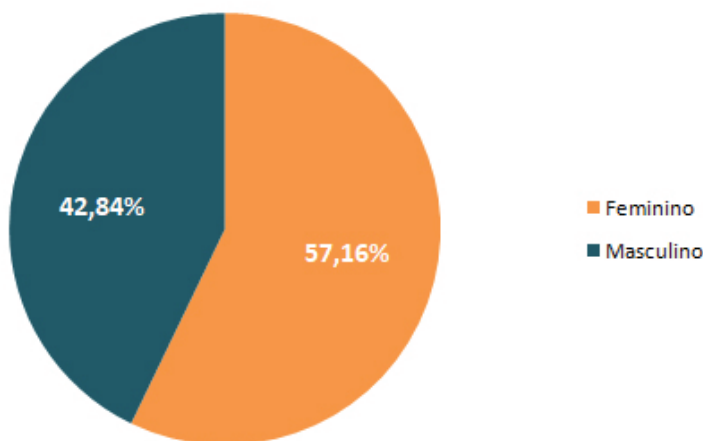
• Disparidade de gênero e carreira

Para a antropóloga Andrea Moraes Alves, professora da Escola de Serviço Social da UFRJ, existem diversos fatores, além da dimensão de gênero, que, combinados, explicam escolhas de carreira profissional. “Questões de

raça e classe são igualmente relevantes para essa escolha, assim como o leque educacional ofertado em cada contexto”, argumenta. Ester Barbosa, de 21 anos, aluna do 3º período do curso de Filosofia da UFRJ e integrante da equipe, é contundente sobre o assunto: “Na história da Filosofia e de toda a academia, no geral, as mulheres foram ignoradas e diminuídas, o machismo e o racismo são muito presentes. Diversas vezes, durante um texto corriqueiro em aula, eu me deparo com algum comentário do tal pensador estudado que passa despercebido por meus colegas homens. Para mim, é um lembrete de que eles não escreveram esperando que uma mulher negra e pobre fosse ler. Incomoda, mas também faz ter ainda mais vontade de ser melhor”. Além disso, no caso brasileiro, a passagem do ensino fundamental ao médio já é um filtro que impede a qualificação de um número ainda significativo de adolescentes, e a passagem do ensino

Matrículas totais em cursos de graduação - presenciais e à distância / Brasil - 2015 (por sexo)

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Sinopse Estatística da Educação Superior 2015. Brasília: Inep, 2016.



médio ao superior é ainda mais restritiva. “Mesmo que levemos em conta os avanços recentes em termos de acesso ao ensino médio e ao superior, as chances não são variadas nem igualmente distribuídas”, afirma Alves.

Embora a questão de gênero precise ser discutida em todas as escolas, a rede pública de ensino é priorizada pelo projeto, pois tem menos possibilidade de iniciar debates sobre o assunto, além de não ter recursos para as aulas que envolvem experimentos. “Na realidade socioeconômica dos meus alunos, fazer uma faculdade é considerado algo até impossível, principalmente as que envolvem cálculo e raciocínio dedutivo maior. Porém o projeto mostrou uma parte do que é a universidade. Antes as meninas tinham uma ideia totalmente diferente dela, e gostaram muito”, afirma o professor de química Mauro Mattos.

De acordo com Andrea Alves, é na hora de migrar para a educação superior e desta para o mercado de trabalho que as injunções de gênero começam a operar com mais clareza. “Mesmo aquelas (meninas) que escolhem formações tradicionalmente masculinas, como as engenharias, por exemplo, acabam por ter trajetórias profissionais mais erráticas do que a dos homens e com menos oportunidades objetivas de chegar ao topo da carreira. Nesse sentido, a escolha da carreira talvez seja hoje menos marcada

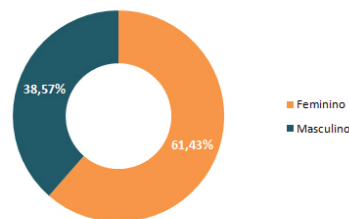
por gênero do que foi no passado, mas as chances de ascensão profissional ainda são muito marcadas por gênero.” A especialista ainda salienta que o cálculo dessas chances pode influenciar mulheres a “optar” por trajetórias no mercado de trabalho e na profissão que sejam mais condizentes com as exigências que a sociedade impõe a elas, como casamento e maternidade.

• Minoria nos cursos de exatas

Segundo dados do Censo da Educação Superior de 2015, as mulheres predominam em relação ao número de estudantes matriculados em cursos de graduação, tanto na modalidade presencial quanto à distância. No mesmo ano, 60% dos estudantes que concluíram cursos superiores no Brasil eram mulheres. Entretanto, quando são considerados apenas os cursos relacionados às ciências, tais como Química, Física, Matemática e Medicina, a participação

Número de concluintes em cursos de graduação presenciais e à distância / Brasil - 2015 (por sexo)

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Sinopse Estatística da Educação Superior 2015. Brasília: Inep, 2016.



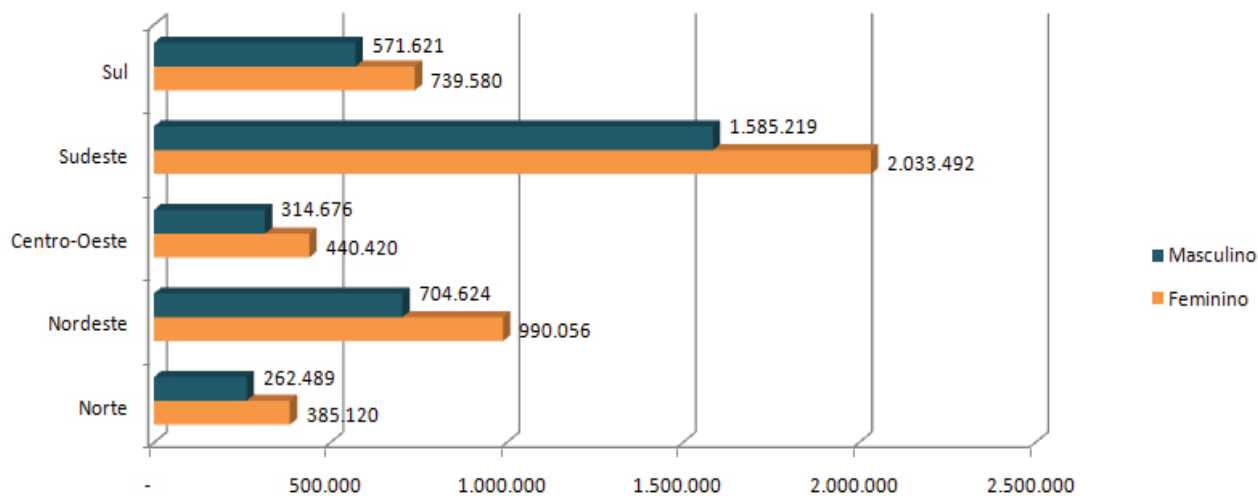
feminina é de 41%. A desproporção se acentua quando os cursos de Engenharia são analisados separadamente: em 2015, apenas 29,3% das pessoas que se formaram eram do sexo feminino. O desequilíbrio de presença feminina em relação à masculina nos cursos da área de exatas da UFRJ reforça esse padrão. Das 747 pessoas classificadas na chamada regular do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), do Ministério da Educação (MEC), nos cursos de engenharia da Cidade Universitária no primeiro semestre de 2017, apenas 184 eram mulheres, equivalente a 24,6%. O curso com maior discrepância foi Engenharia Eletrônica e de Computação, que contava com apenas 3 mulheres classificadas para as 45 vagas ofertadas. O curso de Engenharia



Andréa Alves: ascensão profissional ainda muito marcada por gênero

Fotos: Site da Uninhah/Assecam

Matrículas totais em cursos de graduação - presenciais e à distância / Região - 2015 (por sexo)



Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Síntese Estatística da Educação Superior 2015. Brasília: Inep, 2016.

de Alimentos foi o único com 50% de mulheres classificadas.

Os cursos de Química da instituição (bacharelado, licenciatura e Química Industrial), no entanto, parecem nadar contra essa corrente. No mesmo processo seletivo, 54% e 53,4% dos classificados para os cursos de bacharelado em Química e Química Industrial, respectivamente, eram mulheres. A participação feminina foi ainda maior no curso de licenciatura, com 64,6%. Infelizmente, uma maior presença feminina não é o suficiente para poupar as estudantes de ouvirem diversos comentários machistas, muitas vezes vindo dos próprios professores. “Uma vez eu estava no laboratório e a monitora que estava me auxiliando esbarrou no cabo de uma panela com óleo. Então, o professor disse: ‘você são mulheres, deviam saber que na cozinha deve se colocar o cabo de panela para trás para evitar acidente’”, lembra Lohrene, estudante do 7º período do curso de licenciatura em Química.

Para a antropóloga Andrea Alves, o padrão de uso do tempo é um aspecto muito importante, que impede as mulheres de avançarem em carreiras no campo das ciências. “O tempo de dedicação das mulheres é, em geral, comprometido com horas de trabalho doméstico e de cuidado com filhos. Ter uma atenção dividida com outros aspectos da vida é julgado como um defeito ou uma falta que as mulheres

“ Uma vez eu estava no laboratório e a monitora que estava me auxiliando esbarrou no cabo de uma panela com óleo. Então, o professor disse: ‘você são mulheres, deviam saber que na cozinha deve se colocar o cabo de panela para trás para evitar acidente’ ”

Lohrene Lima da Silva, 22 anos

carregam”, afirma. Outro aspecto é o fato de certas profissões no campo das ciências serem vistas como “mais masculinas”, ou seja, a racionalidade e o uso da autoridade como formas super valorizadas de exercício da atividade científica.

Por ser um projeto que se dedica não somente ao trabalho de extensão, mas também ao de pesquisa, novas atividades vão sendo criadas a fim de permitir o estudo sobre o ensino de ciência aliado às questões de gênero. No entanto, o alcance é ainda muito limitado. Atualmente, o projeto mantém parceria com apenas sete escolas:

CIEP Brizolão 312 (Raul Ryff) e os Colégios Estaduais André Maurois, Stella Matutina, Graciliano Ramos, Coronel Francisco Lima, Nazira Salomão e Antônio Prado Júnior. Pensando nisso, a equipe do Meninas na Química está desenvolvendo um curta-metragem e uma revista, que terão como objetivo documentar o projeto e apresentá-lo a um número ainda maior de professores, para que estes se sintam motivados e capacitados a desenvolvê-lo em seus ambientes escolares de maneira autônoma.

Segundo Ester, o plano é garantir que o número final de meninas pensando sobre carreiras científicas seja muito maior. Esse anseio de difundir o projeto é compartilhado por todas as integrantes da equipe. “Esperamos, dessa forma, conseguir espalhar o Meninas na Química para muitas outras escolas, não só públicas e não só as do Rio de Janeiro”, diz Lohrene. Desse modo, muitas meninas, como Isabel Silva, de 15 anos, participante do projeto em 2017 no Colégio Estadual Antônio Prado Jr., poderão “descobrir como mulheres fizeram coisas muito importantes para a sociedade e para o mundo, mesmo que pouco reconhecidas”. Além disso, aprenderão, como explica Isabel, que “tudo é baseado em tentativas de alcançar o bom resultado, descobrir o porquê de não se obter êxito e aprimorar até obtê-lo”.


Silêncio não é uma opção

Informação é a melhor prevenção contra o suicídio, que, no Brasil, aumentou 12% entre 2011 e 2015

Camila Fonseca, Diego Klein,
Gabriel Monteiro e Juliana Castro

EM 90% DOS casos, segundo a Organização Mundial da Saúde, os atentados contra a própria vida podem ser prevenidos. Para quem lida com familiares ou amigos que enfrentam o problema, o mais importante é não julgar e saber ouvir

“**T**rata-se de sentimentos desagradáveis, com certeza, dos quais qualquer pessoa pode facilmente desembaraçar-se, porque ninguém sabe até onde vão suas forças, uma vez que ainda não as submeteu à prova.” O relato é parte da carta de um jovem do século XIX, Werther, na qual narra sua desilusão amorosa, devido a não ser correspondido por Charlotte, que tinha sido prometida em casamento a outro homem. Como achava que a vida tinha perdido o sentido, Werther atenta contra a própria vida, com uma pistola. A citação é parte do romance epistolar “Os sofrimentos do jovem Werther”, publicado pelo escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe em 1774. A narrativa apresenta tom tão realístico que passou a ter cunho perturbador, com registros de suicídios de jovens na Europa, após a publicação, que apresentavam as mesmas características da do protagonista da obra. Por tratar de questões de cunhos depressivo e passional, o romance gerou identificação nos leitores que sofriam com os mesmos problemas, mas não reportavam ou falavam a respeito,

188 

Telefone do CVV
no AC, AM, AP, ES,
GO, MS, MT, PI, RJ, RO,
RR, RS, SC, SP, TO e DF

Até 2020 será implantado em todos os Estados.

devido ao tabu social. A obra, inauguradora do romantismo, passou então a ser banida em vários países europeus, inclusive sob uma campanha condenatória da Igreja Católica. A partir do fenômeno, mesmo que não tenha sido comprovada a relação entre o livro e as mortes, o sociólogo David Phillips sugeriu em 1974 o termo “Efeito Werther”, ou efeito de imitação.

Por ano, atualmente, 800 mil pessoas cometem suicídio no mundo, segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS). Ou seja, a cada 40 segundos uma pessoa põe fim à própria vida deliberadamente.

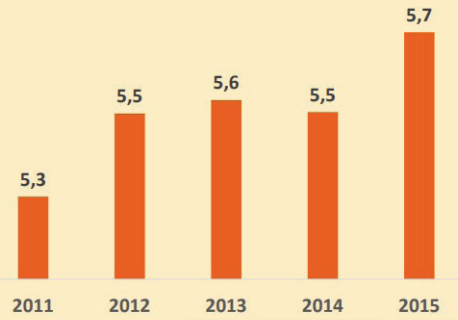
No Brasil, são 32 casos por dia, ou 1 a cada 45 minutos, o que coloca o país na oitava posição entre os países com maior número de mortes por esta causa. De acordo com o Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), o número de suicídios no país aumentou 12% entre 2011 e 2015. No primeiro ano há registros de 10.490 mortes, enquanto em 2015 o número chegou a 11.736. O suicídio está muito relacionado aos transtornos psiquiátricos, como a depressão, o transtorno bipolar, a esquizofrenia e o transtorno de personalidade. As doenças mentais foram por tanto tempo tão renegadas que a própria pessoa não nota que pode estar desenvolvendo alguma delas. Elas chegam devagar e aos poucos vão tomando conta. “Esses quadros, como a depressão, costumam levar a um sofrimento muito grande dessas pessoas. A depressão pode ser tratada por medicação e terapia, e a tendência é que ela tenha alta. Mas pode ser que ocorra uma recaída, e tenha outro episódio”, afirma Paula Rui Ventura, professora associada do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em entrevista antes de começar a sua aula para

jovens futuros psicólogos. “O que acontece é que, quando a pessoa tem um transtorno desse tipo, a tendência é que esse seja o ponto fraco dela; cada um tem um ponto fraco. Um tem alergia, um tem diabetes, um tem depressão, o outro, transtorno de ansiedade, e se a pessoa tiver um momento mais estressante o quadro pode voltar.”

Contudo, não são todos casos de suicídio que apresentam um desses transtornos. “Quando a gente trabalha com alguém com risco de suicídio, a gente avalia desde a ideia suicida, a vontade de não estar mais aqui, sem planejamento e sem fazer nada objetivamente, até começar a pensar a fazer algo mais concreto”, relata a psicóloga. Graduada em 1990 pela UFRJ, Paula tem experiência com terapia cognitivo-comportamental e neurociência. Para uma pessoa próxima de alguém que tem ideias suicidas ou já tentou se matar pode ser muito difícil perceber o problema sozinho. O isolamento social, as queixas constantes e a falta de esperança na vida são sinais de riscos comuns, que podem ajudar a identificar se alguém precisa de ajuda. “Quem se mata dá sinais antes, que não foram captados pelos amigos ou familiares, ou que o médico não percebeu. Na correria e nos problemas corriqueiros do dia a dia, esses sinais passam despercebidos para aqueles que, muitas vezes, convivem com eles”, atesta Paula, cujo doutorado fez em Ciências

Brasil registrou aumento da taxa de mortalidade por suicídio por 100 mil habitantes

Ano	Nº de óbitos
2011	10.490
2012	11.017
2013	11.186
2014	11.220
2015	11.736



Fonte: Ministério da Saúde

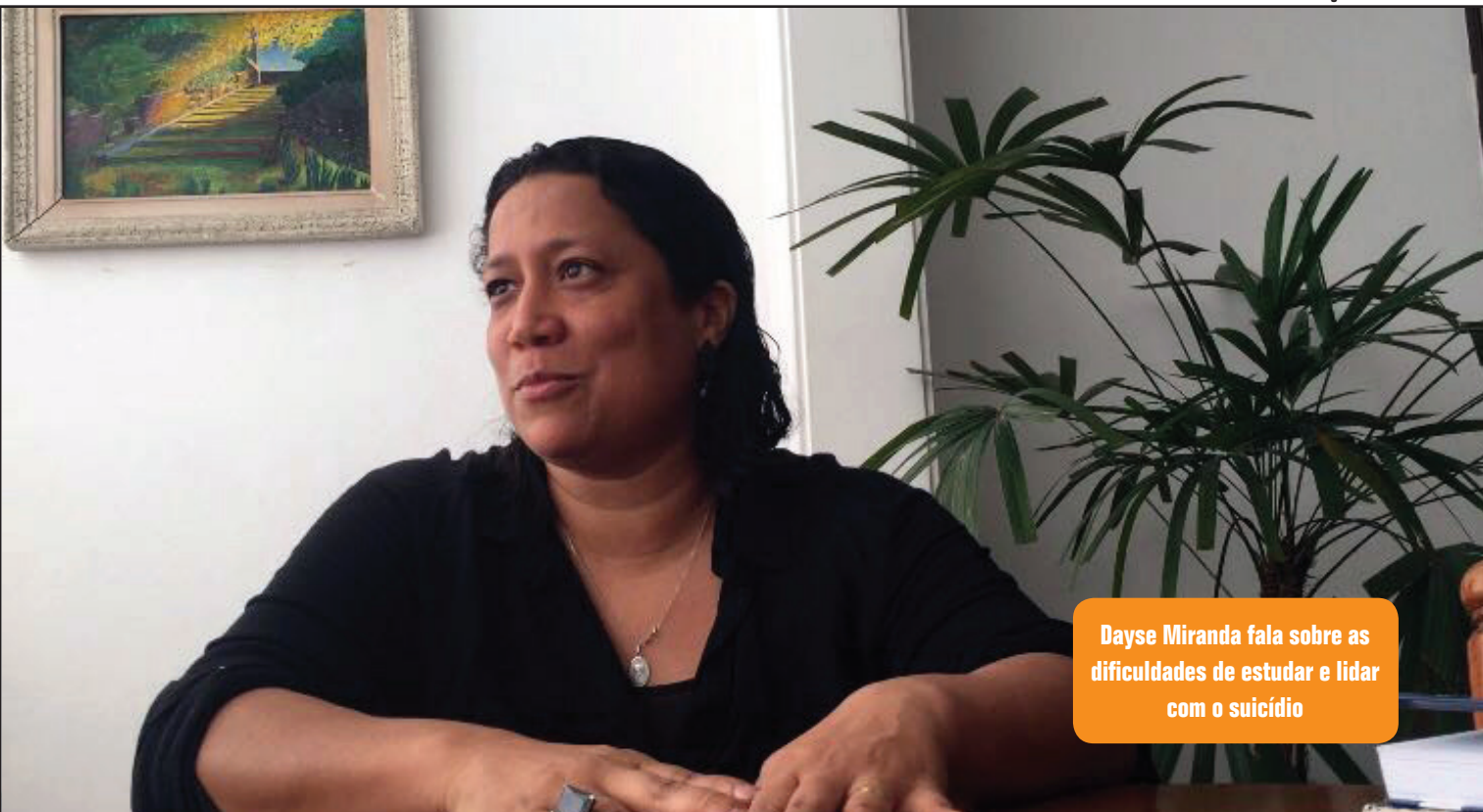
Biológicas pelo Instituto de Biofísica também da UFRJ.

O reconhecimento precoce dos comportamentos de risco é muito importante para a prevenção. Uma estimativa da OMS afirma que 90% dos casos de suicídio podem ser prevenidos. Uma das ações mais importante é a informação que chega à sociedade. Quando alguém sabe identificar que um amigo, irmão ou primo quer se matar, ou fala que já pensou, é preciso agir de forma cautelosa, não julgar e saber ouvir. As redes sociais também são meios que podem indicar sinais importantes. Falar abertamente sobre esse problema é um ponto importante para a diminuição das taxas de suicídio. “O silêncio, a vergonha, o preconceito e o estigma só atrapalham aqueles que precisam ser ouvidos e

acolhidos pela sociedade. Por meio da mídia, as pessoas têm uma noção do que são os transtornos mentais. A pessoa percebe que não é só ela e que existem outras pessoas que têm casos semelhantes, e isso é super importante”, observa a psicóloga.

Em uma sociedade complexa, enxergar oportunidades pode ser um grande começo para discutir assuntos que ficam à margem do debate público e político. O suicídio é um deles. Hoje, o número de debates aumentou. O apelo social, devido às mídias tradicionais ou digitais, propiciou a vários grupos começar a debater a ameaça, para a família, do sofrimento que jovens e pessoas de outras faixas etárias estão passando. O suicídio é um problema multidimensional, que envolve a responsabilidade social e política e

Foto: Diego Klein



Dayse Miranda fala sobre as dificuldades de estudar e lidar com o suicídio

deve ser tomada como questão de saúde pública. “Trabalhar a prevenção do suicídio e a intervenção envolve muitos braços, porque requer uma conscientização, que é uma educação para prevenir”, alerta Dayse Assunção Miranda, doutora em Ciências Políticas pela Universidade de São Paulo (USP) e coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Suicídio e Prevenção (GEPeSP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), iniciado em 2013. “A prevenção deve ser trabalhada do nível micro ao macro. As famílias, que são a rede de apoio, os médicos, as redes de saúde, e, no caso do jovem, a escola também precisa estar preparada.”

• Subnotificação

Todavia, existe uma questão importante e que diz respeito ao grau de qualidade de informações sobre o suicídio no país: os dados. No Brasil, desde 2011 tornou-se obrigatória a notificação de casos de tentativas de suicídio. Dayse, porém, alerta para um problema que ainda é um empecilho para a mensuração mais efetiva dos casos no país, que são as subnotificações. “No Brasil não temos um

sistema de notificação confiável. Para melhorarmos nossas políticas públicas, precisamos começar desde a coleta eficiente de dados, à comunicação de informação de qualidade.” O preconceito em torno do suicídio também é uma das razões para a grande taxa de subnotificações. O medo e a vergonha de serem estigmatizadas por amigos e familiares fazem com que muitas famílias não notifiquem ou indiquem causa indeterminada. Nas classes sociais mais altas também estão envolvidas questões relacionados a seguros de vida e diagnósticos feitos por médicos da família. Nas classes mais baixas, a captação dos corpos é feita pelo Instituto Médico Legal (IML), que, nos casos de suicídios, classifica-os como mortes violentas.

A diretora do Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos Não-Transmissíveis e Promoção da Saúde (DANTPS), órgão do Ministério da Saúde, Fátima Marinho, aponta que, em 2015, das 1,2 milhão de mortes, 17% tiveram causa externa, ou seja, 204 mil óbitos por fatores não-naturais. Desse número, 40% são registradas sem a devida determinação da causa. “Ainda tem 6% de mor-

tes que ainda não conseguimos chegar à causa. São cerca de 10 mil mortes que foram por causa externa, violenta, mas não sabemos por quê. Por isso temos esse subdiagnóstico do suicídio”, complementou a especialista, entrevistada pela Agência Brasil em setembro de 2017. O Brasil tem como meta reduzir o número de suicídios em 10% até 2020 e faz parte da agenda estratégica do Ministério da Saúde.

O problema vai além dos registros oficiais. O suicídio ainda é um tabu, principalmente por causa da ideia propagada do efeito de imitação. As origens do tema acompanham a história. Há séculos, o suicídio era considerado uma questão religiosa ou filosófica. A Igreja Católica condenava veemente, não permitindo que o corpo fosse enterrado em terras santas. Em 1897 Émile Durkheim publicou o primeiro estudo mais detalhado e aprofundado sobre o assunto, no livro “O suicídio”. E muitos anos de estudo foram dedicados ao tema logo depois da obra do sociólogo francês, segundo Pablo Nunes, pesquisador GEPeSP, da UERJ, inclusive sobre o papel dos meios de comunicação. “Principalmente na década de (19)70,

A importância do Setembro Amarelo


Durante todo o mês de setembro acontecem campanhas de conscientização e prevenção do suicídio. O objetivo, com elas, é divulgar a causa e debater o preconceito e o estigma em torno do tema. As ações estão vinculadas ao Dia Mundial de Prevenção do Suicídio, criado em 2003 pela Associação Internacional de Prevenção do Suicídio e pela Organização Mundial de Saúde. O dia 10 de setembro foi escolhido para marcar a iniciativa.

No Brasil, o movimento teve início em 2015 com o Centro de Valorização da Vida (CVV), Conselho Federal de Medicina (CFM) e Associação Brasileira de Psiquiatria

(ABP). Para chamar a atenção das pessoas, os principais pontos turísticos do país são iluminados com a cor amarela, que representa vida, luz e alegria. Além disso, profissionais da saúde e grupos que lutam pela causa alertam que o suicídio é um problema de saúde pública e que o combate dele precisa do apoio de todas as esferas da sociedade.

Em setembro de 2017 a campanha o CVV de prevenção do suicídio teve como lema “Falar é a melhor solução”. As informações sobre o tema podem ser acessadas no site setembroamarelo.org.br e na página facebook.com/setembroamarelo.

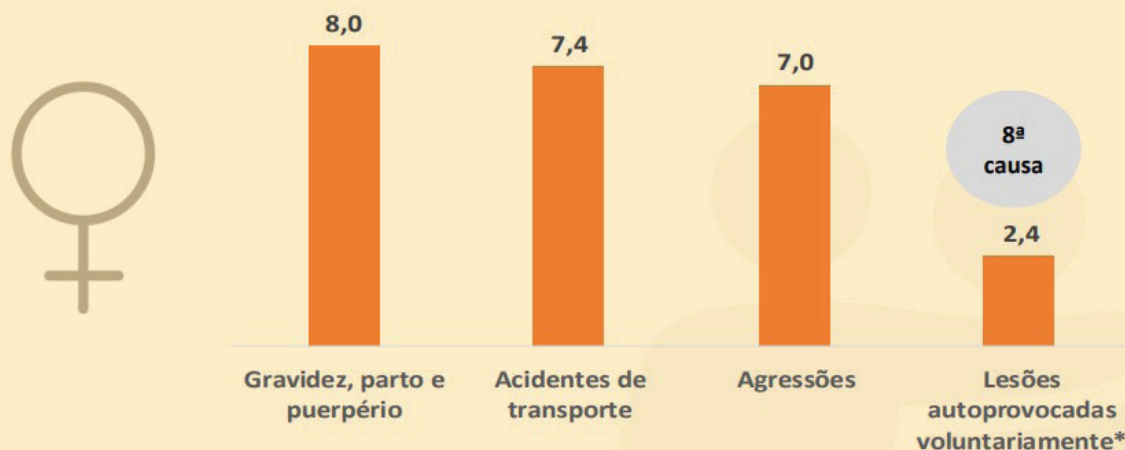
Setembro Amarelo
Mês da Prevenção do Suicídio
acesse: setembroamarelo.org.br

 facebook.com/setembroamarelo



Falar
é a **melhor**
SOLUÇÃO

Taxa de mortalidade por 100 mil das principais causas de morte na idade de 15-29 anos, sexo feminino. Brasil, 2015



Fonte: Sistema de Informação sobre Mortalidade, 2017

*Oitava causa

onde voltaram as preocupações entre as relações de suicídio e mídia, a gente tem uma convergência do resultado de pesquisas empíricas para a conclusão de que a mídia pode influenciar nas taxas de suicídio de um país, estado ou cidade”, informa Nunes. Um caso emblemático foi o ocorrido em Viena, na década de 1980. Após uma cobertura sensacionalista de um incidente que aconteceu no metrô da capital austríaca, foram registradas 22 mortes em 18 meses. A Prefeitura da cidade tomou ações para melhorar a cobertura de suicídios, como a indicação de um manual, produzido pela Associação Austríaca para a Prevenção do Suicídio, sobre como profissionais deveriam abordar o assunto. Como resultado, houve uma queda drástica dos incidentes.

• Cobertura jornalística responsável

Para Nunes, as pessoas que se preocupam com o tema querem que ele seja debatido na imprensa, mas que seja abordado de forma consciente e responsável. “Existem diversas regras que são simples e que podem causar efeitos muito benéficos para a cobertura, já que não causam efeito imitação.” Ao optar simplesmente por não noticiar, diz o pesquisador, o tabu em torno do assunto é cada vez mais reforçado. Por isso, ele acha que os veículos devem ter cuidado com o foco dado às notícias que publicam,

“Trabalhar a prevenção do suicídio e a intervenção envolve muitos braços, porque requer uma conscientização, que é uma educação para prevenir.”

Dayse Assunção Miranda, coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Suicídio e Prevenção (GEPeSP), da UERJ

já que podem ocasionar um aumento no número de casos de suicídio ou, ao contrário, podem ajudar as pessoas que se encontram sob risco de suicídio ou enlutadas. Para a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), da OMS, a cobertura responsável pelos meios de comunicação é um dos principais pontos de prevenção e controle.

Para ajudar a imprensa a lidar com o tema, a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) publicou um manual dirigido a veículos de comunicação, disponível no site da entidade. A OMS também possui um manual específico para profissionais de mídia, assim como o Centro de Valorização à Vida (CVV) – www.cvv.org.br. “Os desafios que a mídia precisa enfrentar são pequenos, não vejo grandes dificuldades na mudança de cobertura. O suicídio ficou muito em destaque nos

meios de comunicação esse ano, tanto pelo fenômeno da Baleia Azul, quanto da série 13 Reasons Why (13 Porquês, série da Netflix que aborda o suicídio de uma adolescente), e a gente percebeu que não é impossível fazer uma cobertura responsável. A cobertura dos grandes meios foi muito certa.” O jogo online Baleia Azul teria surgido na Rússia em 2015. Através dele, os participantes eram levados a se auto-mutilarem e, ao fim do cumprimento dos desafios, deveriam se suicidar.

A internet e as redes sociais, com sua rápida reprodutibilidade, também são um desafio. O Comunica Que Muda (CQM), iniciativa digital da agência de publicidade nova/sb, realizou uma pesquisa nas principais redes sociais, onde foram capturadas 1.230.197 menções ao termo “suicídio” entre abril e maio de 2017, o ápice de buscas no Google dos últimos cinco anos. Os principais tópicos abordavam a Baleia Azul e a série 13 Reasons Why. Existe uma correlação entre o volume de pesquisas de suicídios e formas de cometê-lo com as taxas de suicídios. A internet pode ser usada como um canal de apoio e divulgação de campanhas de prevenção, mas também consegue ser um ambiente de espetacularização e encorajamento do suicídio. A morte do adolescente Vinícius Gageiro Marques, em 2006, virou notícia no Brasil

por causa de transmissão que ele fez com sua câmera do computador. O jovem de 16 anos, cujo pseudônimo era Yoñlu, estava em internação domiciliar por sugestão de seu psicanalista. Quando decidiu tirar a própria vida na frente da câmera, alguns internautas lhe pediram para parar; outros, entretanto, o encorajaram a ir em frente. “As redes sociais são um fenômeno muito complexo. Recentemente o jornal inglês *The Guardian* vazou algumas normas que o Facebook utiliza nesses casos, e uma delas foi a orientação dos censores da plataforma para não retirar pessoas que estavam cometendo suicídio e transmitindo pela rede social. A gente sabe que tem um impacto, mas não sabe ainda qual é, já que essa rede social é pouco transparente aos dados produzidos”, diz Nunes. No entanto, “além de olhar pelo viés negativo, a internet e as redes sociais têm um grande potencial para fornecer dados e tendências para nos adiantar informações úteis para prevenção”, acrescenta.

• Saúde mental de estudantes nas universidades

“Eles falam da vida. Eles choram. Copiosamente.” É assim que a psicoterapeuta Karla Valviesse, supervisora clínica da Divisão de Psicologia Aplicada (DPA) do Instituto de Psicologia da UFRJ, descreveu o estado dos alunos da maior universidade pública fe-

deral do país quando chegam ao programa para receber apoio psicológico. Dados da OMS de 2014 apontam que o suicídio é a segunda maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos. Bullying, preconceito, difamação em redes sociais, pressão na escola ou na faculdade, problemas familiares e amorosos são alguns fatores que colaboram para o desenvolvimento de transtornos mentais e, no pior dos casos, para a ideia suicida. O projeto psicossocial oferecido aos estudantes da UFRJ é o “Vem pra roda”. Nele, as terapias são feitas em grupos de cerca de 10 pessoas, sob supervisão de dois estagiários do curso de Psicologia da própria instituição. Atualmente a Superintendência Geral de Políticas Estudantis (SuperEst), órgão responsável por dar assistência e criar políticas que auxiliem na permanência dos estudantes na universidade, disponibiliza 70 vagas para o projeto.

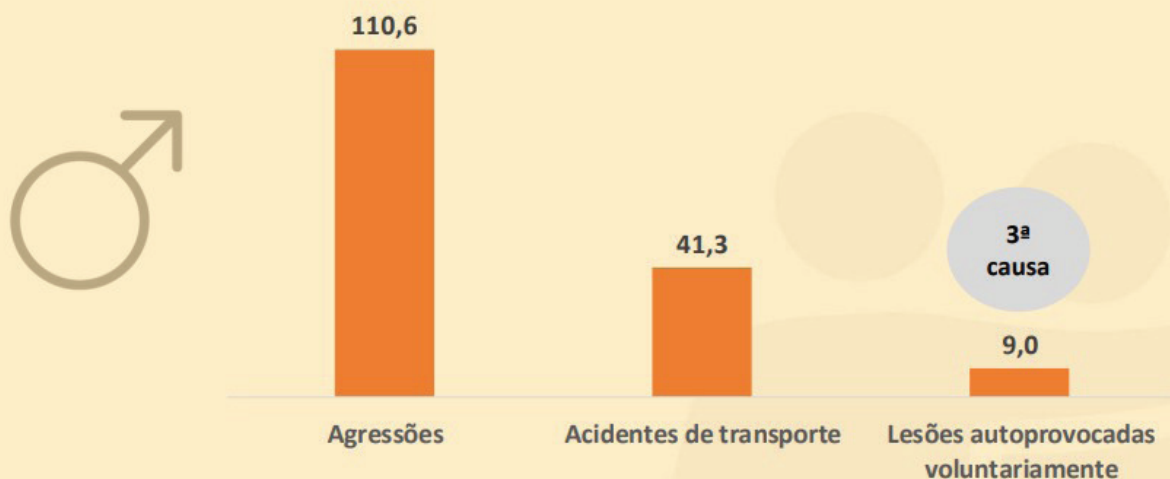
Com o aumento dos casos de depressão e ansiedade, algumas universidades têm apostado em programas de prevenção e auxílio à saúde mental de jovens que estão no ensino superior. Na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, são disponibilizados serviços de escuta terapêutica, entre outros programas gratuitos destinados a alunos que procuram por terapias individuais. Segundo a psicóloga Nathalia Lacerda, diretora da Divisão de Atenção à Saúde dos

Estudantes (DASE) da UFF, o programa conta com quatro psicólogos, sendo ela e outros três profissionais da área de psicologia. Ela ressalta que está previsto, até o final de 2017, superar o número de atendimento do ano anterior. “A universidade prega metas impossíveis em muitos casos, com a romantização de um esforço sem limites, que, para se alcançar um objetivo, deve-se abrir mão da vida social, família e sono, além da óbvia competição entre colegas de curso”, disse Vinícius Ribeiro, 25, aluno de Biblioteconomia e Documentação da UFF. Ele buscou auxílio, pois estava insatisfeito com o curso e também vinha enfrentando obstáculos que o faziam se sentir incapaz. Relatos como o de Vinícius são frequentes dentro das universidades. Valviesse fala que os alunos chegam na roda de terapia com os mais variados problemas, desde questões relacionadas à própria universidade, por estarem no mesmo ambiente e compartilharem experiências, até problemas como falta de moradia e o desgaste de morar longe da universidade. “Não somos a solução para os problemas deles. O que tentamos é fazer ser vida, a vida desses jovens que têm problemas reais”, comentou.

• Onde procurar ajuda?

Segundo o Ministério da Saúde, a existência de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) no município do

Taxa de mortalidade por 100 mil das principais causas de morte na idade de 15-29 anos, sexo masculino. Brasil, 2015



Fonte: Sistema de Informação sobre Mortalidade, 2017

Rio reduz em 14% o risco de suicídio. Todavia, os especialistas dizem que é preciso uma melhor distribuição desses centros, principalmente nas áreas com maior incidência de suicídios. O Brasil tem 5.570 municípios e apenas 2.463 CAPS em funcionamento. Resta a algumas pessoas as iniciativas de organizações não-governamentais, como o Centro de Valorização a Vida (CVV), uma das instituições mais importantes na luta contra a depressão e o suicídio. Fundada em São Paulo em 1962, é uma associação civil sem fins lucrativos, filantrópica, reconhecida como de utilidade pública federal em 1973. Presta serviço voluntário e gratuito de apoio emocional e prevenção do suicídio para todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo. Norma Moreira, coordenadora do projeto, explica como é feito o trabalho: “Funcionamos 24 horas, todos os dias do ano. Mantemos sigilo da conversa da pessoa que entra em contato com o CVV e o anonimato, ou seja, se ela não quiser identificar-se, não precisa. Atendemos pelo telefone 188, chat, e-mail, Skype, presencial no horário comercial e até por cartas para os que não têm recursos eletrônicos, como presidiários por exemplo”.

Qualquer pessoa acima de 18 anos e com disponibilidade de tempo, comprometimento e um treinamento mínimo de nove semanas pode se candidatar a uma vaga de voluntário no CVV. A ideia inicial é que o voluntário dedique, no mínimo, quatro horas semanais em horários fixos e pré-determinados. O curso preparatório é gratuito e feito pelos próprios voluntários do posto de atendimento. Em tempos de redes sociais, onde as pessoas compartilham experiências, um novo desafio se apresentou para quem trabalha com a questão. O suicídio tem sido publicizado e às vezes até encorajado por grupos no Facebook. Para tentar evitar esse novo problema, o CVV e a rede social fizeram uma parceria, como conta Norma: “Qualquer pessoa que constate uma postagem com sinais de intenção suicida ou mutilação pode denunciar a postagem seguindo o passo a passo, onde o Facebook vai avaliar esta postagem em que o autor recebe notificação com uma listagem de instituições de ajuda, e uma delas é o CVV. E a pessoa não fica sabendo quem denunciou”.



Após experiência na família, as irmãs Regina Magalhães e Rogéria Vieira idealizaram o projeto Biacolhe

Já na parceria entre CVV, Facebook e SaferNet Brasil (associação para promoção e defesa dos direitos humanos), o objetivo é que sejam denunciados casos de apologia e incitação a crimes, de bullying, homofobia, pornografia infantil, racismo, intolerância religiosa, violência contra animais, idosos, mulher, crianças, tráfico de pessoas e outros. Há também organizações de cunho voluntário com capacitação para acolhimento dessas pessoas, como a Biacolhe, idealizado pelas irmãs Rogéria Vieira e Regina Magalhães. “O grupo começou por causa de uma experiência. Minha filha, Beatriz, cometeu suicídio em outubro de 2016. A partir daí, como ela era filha única, parece que a vida fica meio sem sentido”, contou Rogéria. “Eu via as angústias que ela tinha


quando saía daquele quadro de depressão e transtorno bipolar. Às vezes ela ficava três meses trancada dentro de casa, entrava em movimento compulsivo, engordava e, quando saía daquele movimento e queria se mostrar pra vida, ela se sentia fora do padrão de beleza que a sociedade colocava.” A Biacolhe desenvolve diversos tipos de atividades lúdicas e terapias alternativas, como a arteterapia, com a intenção de acolher o próximo, entendendo que falar é a melhor solução. “Eu acordei no dia seguinte e minha vontade era ficar enterrada na cama, mas percebi que não podia me render ao risco de entrar em um processo depressivo também. Assim eu tive a ideia de criar a organização e fazer um trabalho voltado a atender as pessoas que sofrem com essas questões para

que, na hora que quiserem estabelecer contato com a sociedade, a gente esteja próximo para oferecer passeios, filmes, piqueniques, saraus, entre outras atividades de acolhimento”, contou Rogéria.

Em março, o grupo realizou o I Encontro Biacolhe de Música e Poesia e, em julho, organizaram um sarau. “Foi bem harmonioso porque o público ficou entusiasmado com a recitação de poesias, com as pessoas cantando, as pessoas com as suas necessidades emocionais gostaram muito. Elogiaram bastante”, disse Regina. Já em setembro, realizaram o I Seminário de Valorização à Vida, no qual abordaram assuntos como drogas e suicídio, depressão, CVV e Setembro Amarelo. Em dezembro, encenaram peças teatrais especial de Natal, sempre abordando a temática de forma empática e consciente. O grupo conta com cerca

de 15 voluntários e passou por um treinamento de quatro meses com o CVV para capacitação, já que, para a fundadora, tratar o tema é delicado. Assim como o CVV, a organização também realiza atendimento por telefone. “Um dia fiquei até quase 2 da manhã atendendo uma moça que estava em crise, na varanda, um pouco alcoolizada, pensando em se jogar. Fiquei mais de 3 horas conversando com ela, pedia para ela entrar para casa, falava que queria ouvir ela passando a chave, a porta fechando.” E acrescenta: “É desgastante, você tem que ter um cuidado com o que vai falar. Existe muito, além do emocional, essa noção com as palavras, porque qualquer deslize que você cometer pode ser um gatilho”.

Nas cartilhas distribuídas pela organização e pelo CVV pede-se que seja dada atenção aos sinais que pessoas que pensam em suicídio podem

deixar. “Uma questão que o CVV e o Biacolhe colocam é que as pessoas próximas consigam observar, perceber e entender os sinais”, afirma Regina. E, mesmo assim, observar os sinais pode ser uma tarefa complicada. “Apesar da minha formação como psicóloga e apesar de estar lidando com o assunto por quase 12 anos com a minha filha, perceber os sinais de suicídio às vezes se torna muito complicado”, contou Rogéria. “Biacolhe pode ter muitos significados. Bia vem do nome da minha filha e, também, carregamos o significado de benevolência, indulgência e amor. Como eu a chamava muito de bi, que é parecido com bee de abelha, por isso o símbolo das abelhas”, disse Rogéria. “A questão da polinização, isso de você trazer vida, então tem todo um significado”, acrescenta Regina. 

 Versão online: www.parlamidia.com/suicidio

Esclarecendo MITOS sobre o suicídio

• **As pessoas que falam sobre o suicídio não farão mal a si próprias, pois querem apenas chamar a atenção.**

 **FALSO**

Um conselheiro deve tomar todas as precauções necessárias sempre que confrontado com um indivíduo que fale de ideiação, de intenção ou de um plano suicida. Todas as ameaças de se fazer mal devem ser levadas muito a sério.

• **O suicídio é sempre impulsivo e acontece sem aviso.**

 **FALSO**

Morrer pelas próprias mãos pode levar à ideia de ser o resultado de um ato impulsivo, mas o suicídio pode ter sido ponderado durante algum tempo. Muitos indivíduos suicidas comunicam algum tipo de mensagem verbal ou comportamental sobre as suas ideias da intenção de fazerem mal a eles próprios.

• **Os indivíduos suicidas querem mesmo morrer ou estão decididos a matar-se.**

 **FALSO**

A maioria das pessoas que se sentem suicidas partilham os seus pensamentos com pelo menos uma outra pessoa, ou ligam para uma telefone de emergência ou para um médico, o que constitui prova de ambivalência (sentimento opostos em relação ao ato), e não de empenho em se matar.

• **Após uma pessoa tentar cometer suicídio uma vez, nunca voltará a tentar novamente.**

 **FALSO**

Na verdade, as tentativas de suicídio são preditores (antecipações) cruciais do suicídio.

• **Quando um indivíduo mostra sinais de melhoria ou sobrevive a uma tentativa de suicídio está fora de perigo.**

 **FALSO**

Na verdade, um dos períodos mais perigosos é imediatamente depois da crise, ou quando a pessoa está no hospital, na sequência de uma tentativa. A semana que se segue à alta do hospital é um período durante o qual a pessoa está particularmente fragilizada e em perigo de se fazer mal. Como um preditor do comportamento futuro é o comportamento passado, a pessoa suicida muitas vezes continua em risco.

• **Os indivíduos que tentam ou cometem suicídio têm sempre alguma perturbação mental.**

 **FALSO**

Os comportamentos suicidas têm sido associados à depressão, abuso de substâncias, esquizofrenia e outras perturbações mentais, além de aos comportamentos destrutivos e agressivos. No entanto, esta associação não deve ser sobrestimada. A proporção relativa destas perturbações varia de lugar para lugar e há casos em que nenhuma perturbação mental foi detectada.

• **Se um conselheiro falar com um “cliente” sobre suicídio, o conselheiro está transmitindo a ideia de suicídio à pessoa.**

 **FALSO**

Um conselheiro obviamente não causa comportamento suicida simplesmente por perguntar aos “clientes” se estão considerando fazer mal a eles próprios. Na verdade, reconhecer que o estado emocional do indivíduo é real e tentar normalizar a situação induzida pelo stress são componentes necessários para a redução da ideiação suicida.

ANÚNCIO



Toda a renda da família do venezuelano Jose Joaquim vem dos quitutes vendidos na feira

Um novo Lar

O Brasil recebe os imigrantes, mas, dependendo do país de origem deles, a acolhida nem sempre é das melhores

Gabriela Morgado, Matheus Picinatti, Júlia Sena,
Guilherme Moreno e Caio Brasil

Jardins da Escola Britânica, Humaitá, zona Sul do Rio. É neste endereço que acontece a tradicional feira Chega Junto, destinada a imigrantes e refugiados que buscam uma nova fonte de renda e reconexão social, onde cheiros, aromas e sabores se misturam. A simpatia e os sorrisos nos rostos, que carregam diversas

histórias de vida, mostram a tentativa de cada participante do projeto em reconstruir suas vidas longe de seus países, todos em plena comunhão. Tal comunhão é tão grande que as rivalidades históricas são deixadas de lado. A Índia e o Paquistão, que travam conflitos armados em uma disputa territorial pela região da Caxemira desde 1947 e têm as religiões (o hinduísmo

e o islamismo, respectivamente) como agravantes de suas tensões, estão lado a lado, por exemplo.

Passando de barraquinha em barraquinha, é impossível não notar a do venezuelano José Joaquim, localizada entre o portão de entrada da feira e a Nigéria. José veio para o Brasil há dois anos. A situação no seu país era insustentável. “Eu passei por extorsão, sob

ameaça de morte por parte de um grupo criminoso no meu país. Durei pagando extorsão (por) quase 9 anos, até que em 2015 decidimos ir embora para morarmos neste maravilhoso país”, comentou, enquanto preparava, junto com a mulher, um prato com quibe e falafel – um bolinho frito ou assado de origem árabe, feito de grão de bico ou fava moídos, no qual podem ser adicionados ainda alho, cebolinha, salsa, coentro e cominho, entre outros condimentos – para um dos frequentadores da feira.

A Chega Junto foi iniciada em 2015 a partir de uma parceria da Cáritas do Rio de Janeiro (organização criada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB) e a Junta Local, um coletivo de pequenos agricultores e produtores artesanais. Para eles, a ideia é produzir uma comida sem “gosto de laboratório”, ou seja, a origem deve ser natural. Além disso, o produtor e o consumidor fazem parte de um processo mútuo, no qual todos conhecem os processos da produção do alimento, desde a colheita até a refeição. Após um ano de “estágio” nas feiras organizadas pela Junta, que abriu espaço gratuito para refugiados com talentos culinários, estes participantes ganharam uma feira exclusiva, organizada sempre no último sábado de cada mês. Atualmente, a feira “Chega Junto” reúne 18 famílias de refugiados e migrantes vindos de Angola, Argentina, Colômbia, Haiti, Índia, Japão, Nigéria, Paquistão, Peru, República Democrática do Congo, Síria, Togo, Uruguai e Venezuela. A cada edição, novos países são convidados a participar. Além das barracas com comida, os eventos sempre contam com música ao vivo e até mesmo pequenas oficinas.

Para José, conhecer a feira foi fundamental e coincidiu muito bem com sua vinda ao Brasil. “Tivemos a oportunidade de participar na feira através da Organização Não Governamental (ONG) Pares Cáritas RJ, onde pude conhecer o projeto, que é uma parceria conjunta com a Junta Local. Nossa primeira participação foi em abril do ano 2016. Já hoje em dia somos produtores da Junta Local e integrantes do projeto Chega Junto.” Atualmente, ele se mantém financeiramente somente com o projeto, pelo qual tem um carinho especial: “Mantenho minha família somente trabalhando com minha esposa através da oferta de

nossos produtos, bem seja nas feiras Chega Junto, Sacola Virtual da Junta Local ou recebendo encomendas”.

A situação do país de Joaquim é crítica. Além da acirrada crise política, há anos a Venezuela enfrenta problemas econômicos e sociais, agravados pela alta dependência da importação de bens e pela queda do preço do petróleo, maior fonte de suas divisas. A crise hospitalar e de saúde também afeta o país desde 2013. A falta de medicamentos, de produtos básicos de saúde e a busca por uma melhor qualidade de vida fizeram milhares de venezuelanos atravessarem fronteiras em busca de suprimentos. O número de *hermanos* que pediram refúgio no Brasil aumentou 1.036% entre 2013 e 2015, tendo sido Roraima a principal porta de entrada no território nacional, segundo dados do Conselho Nacional para Refugiados (Conare), órgão ligado ao Ministério da Justiça.

Mas na Feira, os sorrisos estampados desde o início do dia ainda eram presenciados no final da tarde. As histórias do passado e presente continuavam a se cruzar pelos corredores da feira. No entanto, a tarde veio, começou a escurecer e os trabalhadores iniciaram o encerramento de suas atividades após mais um sábado intenso. A volta ao mundo pelas barracas ia se encerrando. José fazia o mesmo com sua esposa, mas prometeu que sempre retorna todo fim de mês.

• Imigração em foco na universidade

Em outubro, a Feira Chega Junto levou toda sua diversidade cultural para a Universidade Federal do Rio de

Janeiro (UFRJ), no campus da Praia Vermelha, na Urca (zona Sul). Durante uma semana, duas barracas com comidas típicas formaram filas no meio do espaço da faculdade. A cada dia, refeições de dois novos países. Na manhã do dia 20, sexta-feira, duas mulheres de poucas palavras, mas semblantes simpáticos, vendiam arepas (espécie de pão) e empanadas feitas com massa de milho e papas rellenas (batatas recheadas), comidas típicas da Colômbia. Enquanto os estudantes faziam fila para comer suas arepas recheadas com carne, frango, queijo ou camarão, dois homens chegaram e se organizaram ao lado das colombianas. Logo que montaram sua barraca, a do Paquistão, já foram abordados por clientes.

A Feira acompanhou a programação da 9ª edição do Fórum de Migrações/Migratic 2017, que, há cinco anos, acontece paralelamente ao Simpósio de Pesquisas sobre Migrações, realizados no campus Praia Vermelha da UFRJ. Do dia 16 a 20 de outubro, enquanto pesquisadores apresentavam suas teses dentro de um auditório, quitutes eram vendidos por participantes da Chega Junto, do lado de fora. Apesar de ser uma iniciativa de integração, o evento deixou clara uma das maiores dificuldades dos imigrantes que vêm para o Brasil: a língua portuguesa. Os paquistaneses da Chega Junto, por exemplo, não falavam português, apenas urdu e inglês, línguas oficiais de seu país. O idioma é uma barreira até mesmo para os imigrantes com rica formação acadêmica.

O idealizador e organizador do Fórum, Mohammed El Hajji, é mar-



As opções da gastronomia de diferentes países faz sucesso



No campus da UFRJ, imigrantes preparam arepa, iguaria típica da Colômbia (acima); a feira durou 5 dias e reuniu barracas de várias partes do mundo (abaixo)

roquino e veio morar e estudar no Brasil em 1991. Em seu país, foi jornalista durante 12 anos, mas acabou se voltando para o meio acadêmico no Brasil. El Hajji nunca teve problemas legais com a Justiça brasileira e nunca precisou de ajuda de órgãos ou entidades de apoio a imigrantes. Não é, como ele mesmo diz, um exemplo de imigração, já que não faz parte de um fluxo migratório do Marrocos para o Brasil. Fala dos brasileiros na primeira pessoa do plural, sempre se incluindo: “nós”. Mesmo assim, ele não falava português. Logo que chegou ao país, dirigiu-se ao antigo Le Méridien Copacabana, hoje Hotel Hilton, pois sabia que os funcionários falavam francês. Alugou um apartamento no bairro e fez um curso de português para estrangeiros na Aliança Francesa, empresa de idiomas que hoje apoia o Fórum e o Simpósio. Outros imigrantes, no entanto, não têm tantos recursos, nem tanta sorte.

Entre o Fórum e o Simpósio de quarta-feira, dia 20, atrasado para o almoço e com sua pasta e óculos escuros na mão, El Hajji, que é professor e pesquisador da Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ, onde fez mestrado e doutorado, foi categórico: “Não somos xenófobos, somos racistas”. O ex-jornalista afirmou que o preconceito que os imigrantes sofrem no país está mais relacionado com os traços físicos do que com o lugar de onde vêm. “O



Brasil é o país que teve o maior contingente de gente escravizada na história da humanidade e que teve o mais longo regime escravocrata. Não é possível deixarmos de ser racistas de uma hora para a outra. Dessa forma, o brasileiro gosta do estrangeiro em geral, mas discrimina o haitiano, os africanos, gente de pele negra em geral, e os latinos com fenótipo indígena.” São esses imigrantes, segundo o professor, que mais têm problemas para “abrir uma conta no banco, receber ajudas institucionais às quais têm direito e matricular o filho na escola, por exemplo”. Sua fala pode ser explicitada na relação dos brasileiros com diferentes culturas: “Cultuamos os europeus e tratamos asiáticos, africanos e mesmo outros latino-americanos, com todas as suas diferenças regionais, como exóticos, quando não inferiores”.

O professor da ECO tem pele escura, que no Brasil é chamado de “moreno”. Fala português carregado de sotaque e já viajou por muitos lugares, estudando e trabalhando. Possui pesquisas na área de imigração, como o estudo da relação entre a mídia étnica comunitária nacional e a criação de identidades transnacionais de imigrantes no estado do Rio de Janeiro. Acredita que a falta de informação do brasileiro sobre os imigrantes é uma das principais causas para que o preconceito continue. Para ele, os brasileiros se informam principalmente pela grande mídia, que é sensacionalista e dominada por uma lógica empresarial. “O Brasil é uma ilha com uma mídia autocentrada, de qualidade técnica altíssima, mas com conteúdo conservador extremamen-

te reacionário. Não temos programas culturais ou de preocupação social. Tudo é reduzido ao que vai vender ou não”, completa. Para ele, assim como o brasileiro tem sua imagem estereotipada internacionalmente, os imigrantes também são retratados por nós de maneira muito generalizada e, muitas vezes, fora de contexto. “Trabalho com a questão migratória e vejo o alarmismo na mídia brasileira sobre as migrações na Europa. Quando você vê a TV do país, acha que os europeus estão vivendo uma guerra civil, quando a mídia fala do imigrante que vem para o Brasil, ou o trata como perigo ou fala com paternalismo, quando na verdade são outras histórias. Aí é onde entra a mídia alternativa, que, nesse caso, se configura através das redes sociais”, comentou El Hajji.

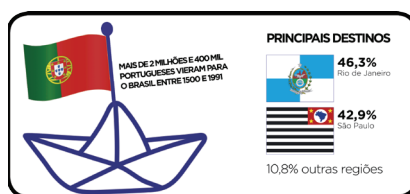
Exemplos de alternativas aos clichês imigratórios retratados pela grande mídia, segundo ele, são, por exemplo, o grupo de debate do Facebook “Brasil País de Imigração”, vinculado ao Fórum; as páginas da rede social “Eu, Imigrante”, focada no debate contra o racismo, “Raízes da Imigração” e “Globalização, Imigração e Intolerância”; o blog “MigraMundo”, fundado pelo jornalista Rodrigo Borges Delfim, que participou do Fórum de 2017. O pesquisador da UFRJ defende que essas iniciativas batem de frente com a visão hegemônica criada pela grande mídia sobre a questão, o que abre um debate mais amplo. “A discussão se torna muito importante no período em que estamos vivendo, com ataques terroristas pelo mundo acontecendo com frequência e movimentos ultranacionalistas ganhando espaço. Ao mesmo tempo que sentem pelas vítimas, os residentes locais, não só do Brasil, mas de outros destinos de migrantes, ficam com medo das pessoas que chegam aos seus países, que poderiam representar

“O brasileiro gosta do estrangeiro em geral, mas discrimina o haitiano, os africanos, gente de pele negra em geral, e os latinos com fenótipo indígena”

Mohammed El Hajji, professor da UFRJ

ameaças ao bem-estar e à cultura do povo nativo.” El Hajji diz ainda que o Fórum pretende ir contra esse tipo de pensamento, ao unir pesquisadores com línguas diferentes em suas “roupas sociais”, estudantes brasileiros e estrangeiros, “com suas mochilas e tênis All-Star”, além de ouvintes de fora da área acadêmica.

Uma das organizadoras do evento é a colombiana Catalina Revollo Pardo, que mora no Brasil. Ela faz parte do Programa de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), também da UFRJ, no qual conheceu El Hajji, também integrante do Programa. De vestido florido e trança no cabelo contrastando com seu piercing abaixo dos lábios, Catalina contou sorrindo sobre a alegria que sentiu ao participar do seu primeiro Fórum. “O espaço me proporcionou encontrar com muitos migrantes que eu nunca tinha conhecido e ter uma troca de experiências, dos processos de entendimento do que a gente vivenciava. Para mim, como migrante, foi muito emocionante.”



• Saúde do refugiado

Uma das conferencistas do Simpósio foi Julianna Coutinho, do Instituto de Medicina Social (IMS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Julianna faz mestrado em Saúde Coletiva, na área de Ciências Humanas e Saúde, e levantou um debate muito importante: o acesso de refugiados e solicitantes de refúgio aos serviços de saúde do Rio de Janeiro. Ela lembrou que os solicitantes possuem documentação provisória, enquanto esperam a decisão da Justiça em aprovar ou indeferir o processo de pedido de refúgio. Mesmo assim, possuem os mesmos direitos dos que já detêm o status de refugiados à saúde. Em março de 2017, o Rio abrigava 4.288 refugiados e 2.899 solicitantes de refúgio, em sua maioria angolanos. Os dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) podem ser encontrados no livro “Recomeço”, lançado em outubro pela Secretaria Municipal de Saúde do Rio (SMS) sobre as experiências dos profissionais do Sistema Único de Saúde (SUS) da cidade com refugiados e solicitantes. A obra está disponível no site da Secretaria, gratuitamente: elosdasaude.com.br.

Apesar da lei brasileira garantir a essas pessoas o direito ao acesso à saúde, a situação real é diferente por muitos motivos: preconceito, língua, localização das unidades de saúde e variadas formas de tratamento de doenças em cada país. Por isso, em parceria com a Cáritas Brasileira, a SMS passou a promover as chamadas Feiras de Saúde. A Cáritas é uma entidade católica de promoção e atuação em causas sociais, presente no mundo inteiro. O livro “Recomeço” explica as atividades das Feiras, que ocorrem na sede da Cáritas, na Tijuca, Zona Norte da cidade. Nelas, os profissionais de saúde do mu-

IMIGRANTES POR NACIONALIDADE (1884-1959)



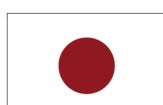
3.015.390
italianos



2.783.796
portugueses



1.366.764
espanhóis



365.458
japoneses



352.844
alemães



283.550
sírios e libaneses

Histórico da imigração



início dão orientações sobre doenças, fazem atividades lúdicas com crianças e distribuem kits de saúde bucal e preservativos. Os refugiados e solicitantes também fazem o seu referenciamento para as unidades de Atenção Primária mais próximas de onde moram e recebem uma caderneta com orientações em seu idioma.

Além disso, Julianna comemorou outra iniciativa, do Governo do Rio de Janeiro, de instituir o Comitê Estadual Intersetorial de Políticas de Atenção aos Refugiados (CEIPAR) em 2010 e, através dele, criar o Plano Estadual de Atenção aos Refugiados do Rio, em 2014. As medidas, segundo ela, têm por objetivo promover os direitos e a integração social dos refugiados e solicitantes de refúgio no Rio. E se baseiam em seis diretrizes: documentação, educação, emprego e renda, moradia, saúde e ambiente sociocultural/conscientização. Julianna acredita que essas iniciativas são o início de um caminho de melhoria de vida para os refugiados e solicitantes no Estado e podem ser um incentivo para a criação de novas leis e medidas sobre o tema. Ela falou sobre elas com otimismo: “São duas iniciativas de gestão aqui no Rio que estão acontecendo: a aproximação da SMS com a Cáritas e esse Comitê que se formou no Estado para conseguir, enfim, discutir as demandas, não só na saúde, mas na assistência social em outros níveis e tentar encaminhar isso da melhor maneira possível”.

Versão online: www.parlamidia.com/migracao

Brasil volta novamente à rota migratória mundial

A história do Brasil é marcada por intensos fluxos migratórios. Ainda no século XVI, em 1532, para povoar as terras recém descobertas, evitando invasões de outras nações e para desenvolver atividades extrativistas, a Coroa portuguesa inicia a colonização do território. Antes disso, as terras eram ocupadas por índios e pelas feitorias de extração do pau-brasil. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estima que até a proclamação da República, em 1889, mais de 1,2 milhão de portugueses desembarcaram no país para fixar residência. No mesmo século em que os colonos portugueses começam a desembarcar em grande número, tem início o tráfico negreiro. O processo de captura do negro na África para escravização não se configura como imigração, pois foram trazidos ao Brasil compulsoriamente. Porém, até a Lei Euzébio de Queiroz, em 1850, que pôs fim ao comércio de escravos, quase 5 milhões de africanos entraram no país. Segundo o censo de 1872, 58% da população brasileira da época, cerca de 10 milhões de habitantes, era negra ou parda.

Após a abolição da escravatura,

em 1888, o Estado incentiva a imigração de povos brancos, sobretudo europeus, numa tentativa de “embranquecer” a população. Com a economia em crescimento, eram oferecidos aos imigrantes – que fugiam das instabilidades políticas, econômicas e das guerras nas quais a Europa estava imersa –, a possibilidade de ter seus próprios pedaços de terra. Segundo o IBGE, entre 1820 e 1975, 5,6 milhões de imigrantes chegaram ao país. Na década de 1960, após o golpe militar de 1964, o país deixa de receber números significativos de imigrantes. Depois das crises econômicas das décadas de 1980 e 1990, o país passa a “exportar” mais do que “importar” cidadãos. Os principais destinos dos brasileiros são Estados Unidos, Japão, Europa e Paraguai. Apenas em meados dos anos 2000, durante o governo Lula, com o aquecimento da economia nacional e a retomada do crescimento, houve inversão no quadro emigratório.

Após a construção do bloco econômico composto por Brasil, Rússia, Índia, China e, posteriormente, África do Sul, os BRICS, em 2006, e o início da crise imobiliária nos Estados Unidos, em 2008, que se alastra pelo mundo, o Brasil se posiciona como uma potência em desenvolvimento.

Imigração no Brasil



As recentes crises humanitárias põem o país novamente na rota migratória mundial. Segundo dados da Polícia Federal, entre 2006 e 2016, o número de imigrantes aumentou 160%, e o Conare aponta que existem mais de 9 mil refugiados atualmente no país. Apesar da questão ser socialmente importante, o Brasil não é um dos principais destinos para refugiados em escala mundial. Seja pela distância dos principais países de origem de refugiados, pela situação econômica brasileira ou por outros fatores diversos, o país recebeu pouco mais de 10 mil solicitações de refúgio em 2016. Um número muito pequeno considerando que, no mesmo ano, 3,2 milhões de pessoas foram forçadas a sair de seus países devido a conflitos ou perseguições.

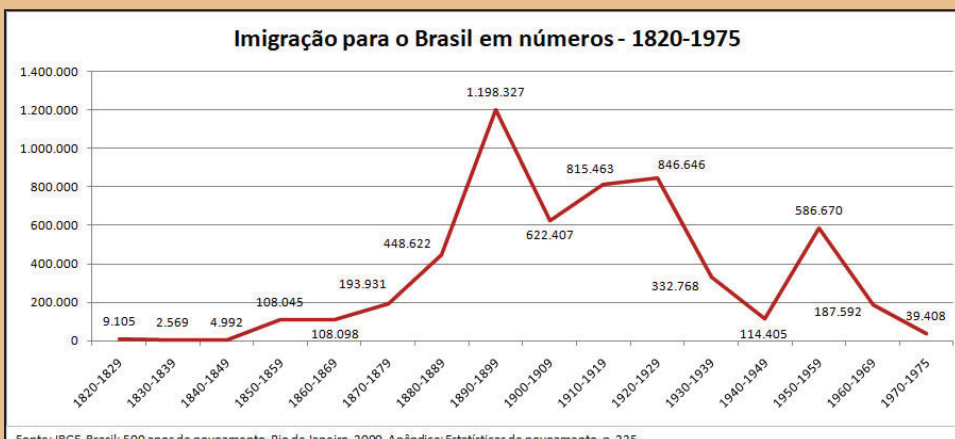
Uma nova lei de migração, sancionada em maio de 2017, substituiu o Estatuto do Estrangeiro criado no período da ditadura militar, e a expectativa

de quem atua na área é de que ajude a agilizar os processos e principalmente proporcione segurança jurídica aos solicitantes de refúgio enquanto aguardam a análise de pedidos. A nova legislação garante ao migrante, em condição de igualdade com os nacionais, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. Além disso, instituiu o visto temporário para acolhida humanitária, a ser concedido ao apátrida ou ao nacional de país que, entre outras possibilidades, se encontre em situação de grave e generalizada violação de direitos humanos, possibilitando assim o reconhecimento da condição de refugiado, tema de outra lei, a 9.474, de 1997.

Para requerer o refúgio, é necessário dirigir-se a qualquer posto da Polícia Federal, com o formulário de solicitação devidamente preenchido e assinado e realizar a coleta de informações biométricas. Todos os dados são

enviados ao Conare, que entrará em contato com o solicitante para agendar uma entrevista, durante a qual devem ser apresentadas todas as provas e razões para a solicitação, a fim de demonstrar que se enquadra no conceito de refugiado. Nesta etapa é fundamental detalhar os riscos de se voltar ao país de origem e as perseguições sofridas.

Outra novidade no tratamento da questão de refugiados é a criação da Política Migratória Humanitária para cidadãos venezuelanos, aprovada neste ano pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg), através da Resolução Normativa nº 126, que “dispõe sobre a concessão de residência temporária a nacional de país fronteiriço”. Apesar do nome, a resolução não se aplica exclusivamente a venezuelanos; apenas foi motivada pelo expressivo número de solicitações de refúgio por cidadãos da Venezuela em 2016, atingindo a marca de 3.375 pedidos.



PAIXÃO

sem tamanho

O amor inabalável dos torcedores por times como America, Bangu, Bonsucesso e outros de menor investimento mostra que nem só de equipes elitizadas vive o futebol brasileiro

Gabriel Leite, Gabriela Silva,
Gabrielly Alves e Pedro Umberto

OS CLUBES GANHAM *o coração dos torcedores que moram nos bairros onde estão sediados ou por conta da tradição familiar transmitida de pai para filho, mas a informação fácil sobre eles na internet tem sido a porta para arrebatar novos adeptos*

As 15h07 no Shopping Nova América, localizado no bairro de Del Castilho, zona Norte do Rio de Janeiro, o movimento na praça de alimentação não foge muito do que se pode imaginar para uma quinta-feira comum. Idosos andando lentamente, olhando poucas vitrines, funcionários almoçando apressados, grupos de adolescentes a caminho do cinema com refrigerantes em mãos, e umas figuras estranhas, claramente desconfortáveis na espera de alguém que ainda não chegou. Situação parecida com a do jornalista que escreve essa reportagem. “Podemos marcar às 15h15? Sei que é um horário meio ruim, mas trabalho de madrugada, então assim dá para dormir umas cinco horinhas.” Depois de mais de dez anos trabalhando como jornalista, Anderson Martins de Castro, 34 anos, hoje trabalha nos Correios. Seu celular havia quebrado na noite anterior, então decidiu acordar um pouco mais cedo para conseguir combinar os detalhes da entrevista.

Mesmo assim, sem a menor expressão de sono, chega oito minutos adiantado, ostentando orgulhosamente sua camisa rubra e uma barba longa e densa, preta. Ele me pergunta detalhes sobre a matéria e não consegue fugir da inevitável pergunta: “E você, torce para que time? Ah, é? O Flamengo

“O meu maior prazer não é a vitória, é ver o America em campo”



Anderson Martins de Castro, 34 anos

nunca ganhava em Edson Passos. Só ganhou aquela vez em 2008”.

O conhecimento afiado sobre fatos como esse faz parte de toda a mística que ainda respira fora dos holofotes

das contratações milionárias, dos debates diários na televisão e das construções das “arenas”. Anderson faz parte da resistência. Uma resistência à elitização daquele que é um dos maiores patrimônios culturais do brasileiro. Torce para o America, o primeiro, nascido na Tijuca, que inspirou sua coleção de cópias – são 33 oficiais – por todos os estados do país. Um dos clubes mais tradicionais na história do futebol brasileiro, mas que se vê hoje rebaixado (literal e subjetivamente) à posição de “segundo time” de todo carioca.

Para os torcedores dos clubes de menor poder aquisitivo – não ouse chamar de “time pequeno”, pode lhe custar a negativa a uma entrevista –, a lógica de torcer vai na contramão do que se vê ser cultivado nos times que disputam os maiores campeonatos. Enquanto os lucros decolam e as médias de público diminuem para estas potências, a paixão inabalável de torcedores de clubes como America, Bangu e Bonsucesso, todos do Rio, implica numa luta diária para manter viva toda uma maneira de viver



Torcedor do America acompanha jogo
no Estádio Giulite Coutinho

O desmedido amor pelo America

Gabriela Silva e Gabrielly Alves

O dicionário moderno define paixão como um sentimento descomedido em relação a algo, seja ele um ser vivo, inanimado ou uma temática. Diz ainda que é uma força contrária ou favorável a alguma coisa, que cega e impede a razão; é considerada também um fanatismo. Vem do latim *passio*, que remete a “sofrimento, ao ato de suportar”, e de *pati*, que é sinônimo de “sofrer, aguentar”. E tem origem em *pathe*, que os gregos antigos usavam para expressar o ato de “sentir” (tantos sentimentos bons quanto ruins). No século XIV, a palavra ganhou o sentido de “forte emoção, desejo”; e mais tarde, teve acrescido o significado de “entusiasmo, grande apreço, predileção”. Mesmo com todas essas definições, a palavra não consegue abranger toda a extensão, no sentido amplo da palavra, dos sentimentos que o futebol proporciona; e muito menos para quem torce para um dos times de menor investimento, sentimento que consegue ser ainda mais peculiar.

Mas pode ser que no dicionário de Charles Calomino a palavra paixão tenha ganhado significado próprio. E o entusiasmo do professor de futsal é todo voltado ao America, já tendo inclusive no passado ostentado bandeiras e esmurrado tamborins da torcida organizada “Inferno Rubro”. Calomino tem quase a mesma idade de fundação da torcida do “Mecão” – ele tem 52 anos e a torcida, 47. Sua relação com o futebol também já tem muito tempo. Dedicou-se à modalidade de salão desde os 14 anos – foi inclusive atleta do America –, atividade que lhe rendeu mais de 600 alunos, no clube do coração e no Club Municipal – Associação dos Servidores Públicos, que fica também na Tijuca, zona Norte do Rio.

Quando questionado sobre o momento mais emocionante como torcedor do America, Calomino faz um longo suspiro. Em seguida, passa a mão pelos cabelos rentes aos ombros, molhados de suor, frutos de um dia quente e longo de trabalho como professor da equipe de futsal sub-12, e viaja de volta ao dia 18 de fevereiro de 1987: “America e São Paulo no Maracanã na década de 1980,



Foto: Arquivo Pessoal

Charles Calomino (à esquerda) e o pai, Newton Zarani: paixão pelo America de uma geração à outra

“Nossa, parece que o escudo do America *tava* dentro do meu peito...”

Charles Calomino, 52 anos

(Campeonato) Brasileiro... eu *tava* na geral... ainda tinha geral no Maracanã... Nossa, parece que o escudo do America *tava* dentro do meu peito... Eu queria entrar no campo pra proteger os jogadores pra ganhar o jogo. Aquele mexeu muito comigo... esse dia mexeu”. A partida que fez o coração de Calomino bater ainda mais forte era a semifinal do conturbado Brasileiro de 1986 (o campeonato só chegou ao fim no ano seguinte) e terminou empatada em 1 x 1 (o gol do alvirrubro foi de Renato). O resultado levou à eliminação do time carioca, pois ele já havia perdido de 1 x 0 no Morumbi. O “Mecão” terminou em 4º lugar.

A relação apaixonada de Calomino pelo esporte bretão é ainda mais forte por causa do pai. O jornalista esportivo Newton Zarani, também torcedor ferrenho do America, é considerado o único jogador vivo no mundo, aos 91 anos, a ter disputado o primeiro campeonato de futebol de salão. O “Charles Miller do futsal” – título dado pelo clássico *Jornal dos Sports*, já extinto – é um dos responsáveis pela criação e desenvolvimento do futebol jogado em quadra, e foi um dos criadores, em julho de 1954, da Federação Metropolitana de Futebol de Salão, que tornou oficiais as regras da modalidade em todo o mundo. O filho orgulhoso, além de seguir os passos do pai, faz a curadoria dos artefatos alvirrubros dele.

o futebol. Foi um amigo, num dia de jogo, que falou: “a gente não é segundo time de ninguém, não, a gente é orgulhoso!”. Anderson vem de uma família vascaína, mas nunca se apegou muito ao cruzmaltino. O único jogo de que lembra ter ido foi a despedida do atacante Edmundo, em março de 2012, e porque era fã do jogador. Mas a paixão pelo futebol o acompanhava desde o berço, e o interesse pelos times fora do eixo principal do Rio de Janeiro já era cultivada quando começou a escanear escudos para o website que um amigo estava criando. Foi através da internet também que o torcedor começou a criar laços com sua maior paixão. Numa era em que a internet era discada e seu horário nobre era após a meia-noite, Anderson criava comunidades no extinto Orkut para clubes de menor expressão. O que mais fez sucesso foi o do America. “Foi a partir dali que comecei a conhecer os torcedores de verdade, os fanáticos. Só então comecei a ir aos jogos e me sentir um americano.”

Em pouco tempo o “Mecão”, como o time é carinhosamente chamado, virou a maior prioridade. “Jogo oito horas da noite em Campos (dos Goytacazes, cidade a 280 km do Rio) eu vou no gerente, peço folga, negocio, trabalho no final de semana, mas vou de qualquer jeito. Porque o Flamengo joga duas vezes por semana o ano inteiro. O América joga 30 vezes e acabou. O meu maior prazer não é a vitória, é ver o America em campo.” Para comprovar sua paixão, mostra as fotos dos ingressos de todos os jogos do “Diabo” (símbolo do clube) na Série B do Campeonato Carioca desse ano. O preço baixo do ingresso, que normalmente sai entre R\$ 10 e R\$ 20, não significa vida fácil para Anderson; às vezes ele gasta quase R\$ 200 só com passagem de ônibus para as cidades no norte fluminense. “Não tem jeito, é uma plantinha que tem que regar. Porque quem vai segurar esse pepino somos nós, a geração mais nova. Por isso a torcida tem que botar a camisa, ler o estatuto, participar politicamente...”

A construção de um shopping center no terreno da sede do clube, na rua Campos Sales, na Tijuca (zona Norte), é uma alternativa encontrada para tentar contornar as dificuldades financeiras. Projetos como esse, cujas obras devem começar em dezembro,

são alternativas para os times de menor investimento, que regularmente acabam tendo que recorrer à venda de seus melhores jogadores para conseguir fechar as contas. Mesmo tendo certa aversão à política, hoje Anderson é sócio deliberativo do clube. Ele compreende que, para superar o momento de crise, é preciso que o torcedor não se limite às arquibancadas, e que o America também vá além e volte a ser parte do cotidiano de cada um deles. E para contribuir com isso, o jornalista vai voltar a usar a internet como ferramenta de exposição. Está desenvolvendo com um amigo americano um site, o Sanguenet, que irá reunir todas as notícias e informações publicadas na mídia sobre o time.

“ Isso aí (a
paixão pelo time)
é uma herança,
uma boa herança, por
sinal, do meu querido
avô, que já está lá no
céu, torcendo entre as
nuvens pelo meu querido
Bonsucesso Futebol
Clube ”



George Joaquim Machado

• Do torcedor da web aos bairristas

Anderson mostra como é torcer fanaticamente no século XXI, ou mais precisamente como cada torcedor deve ser ativo em todas as esferas para conseguir manter vivo o seu clube de coração, ou ainda como uma paixão pode surgir de uma pesquisa na Wikipedia e se transformar em algo muito maior. A história de Anderson destoa do que se espera normalmente de um torcedor: de que teria crescido perto do clube, do estádio, oriundo de gerações que cultuam seus times de bairro e participam das torcidas como uma tradição familiar especial. Mas enquanto esse americano apaixonado ilustra as possibilidades de uma nova geração, que tem acesso a toda a história de um

clube a alguns cliques de distância, e cria seus próprios laços pelo time que quiser, ainda há os tradicionalistas, os bairristas, a “velha guarda” do futebol carioca. É o caso do professor de geografia George Joaquim Machado, torcedor do time sediado no bairro de mesmo nome na zona Norte do Rio. “Isso aí é uma herança, uma boa herança, por sinal, do meu querido avô que já está lá no céu, torcendo entre as nuvens pelo meu querido Bonsucesso Futebol Clube.” Ele não consegue desatrelar a própria paixão da do avô Benjamin, sócio do “Bomsucesso” (grafia antiga do nome do time) durante toda a vida e responsável por ter passado essa tradição ao neto. Mas para George, torcer para um time de menor poder aquisitivo é algo que tem uma origem singular; não é necessário nenhum tipo de pressão familiar ou midiática. “Para torcer por um clube de menor investimento tem que ser amor à primeira vista. É bater os olhos nas cores, é bater os olhos na tradição e sentir o coração bater mais forte. É assim que se torce para Bonsucesso, Madureira, Olaria...”

Diferentemente do resto da família, seduzida a torcer por algum dos quatro maiores do Rio (Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo), o carinho do professor pelo Leão da Leopoldina não foi colocado em segundo plano. “Eu passei minha juventude toda vendo o Bonsucesso na segunda divisão. Foram 18 anos de segunda divisão.” Tomando o calendário marcado por campeonatos estaduais, o momento de destaque na atuação do clube, gravado na memória de George, foge da regra: “Geralmente, o torcedor de time de menor investimento tem um jogo marcante com time grande. Eu não tenho nenhum, apenas sei pela história”, ele responde. E elege uma partida justamente contra o America de Anderson, em 2013, quando havia a crença de que o time subiria para a primeira divisão: A partida foi no Giulite Coutinho, estádio do adversário em Mesquita, cidade da Baixada Fluminense. George acha que, como o America é o segundo time de todo mundo, então a mídia “dá uma moral para eles”. “Tínhamos sido prejudicados pelo árbitro num jogo decisivo contra a Cabofriense, então estava todo mundo cabisbaixo indo para a partida. Mas foi um joga-

ço, lá e cá, merecia ser transmitido em rede nacional!” O Bonsucesso conseguiu fazer 2x1 e foi pressionado até os 40 minutos do segundo tempo, quando o atacante do America se livrou da marcação e bateu para o gol. “A bola passou pelo goleiro. Ela ia entrar devagarinho, chorando, mas o nosso zagueiro chegou na hora e tirou na linha. Deu um chute para onde apontava o nariz e depois virou para a torcida, balançou a camisa, urrou e bateu no peito, como se tivesse feito a jogada do ano. Quando olhei em volta, percebi que não era o único emocionado com aquilo. Tinha muita gente chorando comigo. Nem quando o Bonsucesso subiu para a Série A em 2011 foi emocionante assim”, narrou George.

Mas não é só de alegrias que vive essa paixão. Uma série de problemas jurídicos recentes – com direito a um presidente afastado tentando se candidatar pela chapa de oposição – prejudicou ainda mais a situação financeira do clube. Durante três anos essa crise interna imobilizou as medidas administrativas para buscar uma recuperação dos cofres do time, e isso acabou sendo

refletido em campo, com temporadas seguidas de luta contra o rebaixamento para a série C do Campeonato Carioca. O outro problema crucial apontado por George para essa situação diz respeito ao Estádio Leônidas da Silva (conhecido pela torcida como o “Teixeira de Melo”, nome da avenida onde se situa), que vem tendo dificuldades para conseguir os laudos liberatórios para a realização das partidas. “Nós sofremos muito quando o Bonsucesso é proibido de jogar na sua casa. A torcida sempre é o décimo segundo jogador, seja para time grande ou time pequeno. Mas para a gente os estádios são mais acanhados, apertadinhos, então a torcida tem que estar ali para fazer a pressão, faz parte do jogo.” E por isso, mesmo levando em conta todas as dificuldades de acompanhar um time com problemas tão sérios, nenhum tipo de arrependimento passa pela cabeça do torcedor rubro-anil. “Às vezes eu tenho arrependimento de não invadir o campo e não sentar a mão na cara do juiz que nos rouba” é sua única observação sobre o assunto. O professor, que recebeu o título de benemérito por

serviços prestados ao clube, sabe que, para manter viva essa história, é preciso doar um pouco do tempo e da vida pessoal por seu clube de coração.

• A voz dos times de menor investimento

Assim como Anderson, George também tem sua contribuição na rede. É a *Folha Rubro-Anil*, blog quase diário que divide o tempo dele com a preparação das aulas de geografia, dando todas as notícias, opiniões e curiosidades sobre o “Bonsuça”. Os dois torcedores sabem que a internet é uma das únicas maneiras de conseguir disseminar a cultura e a história de times que não aparecem naturalmente nos canais tradicionais de mídia. E ambos reconhecem a importância que um site – o FutRio – teve para o início dessa trajetória. Contando hoje com uma equipe de 7 jornalistas apaixonados por futebol, completou 10 anos de existência em abril deste ano. Em 2007, Cláudio Burger e Stéfano Salles lançaram o blog “Tribuna da Bola”, que cobria a Copa Rio e as séries B e C do Campeonato Carioca. No mes-



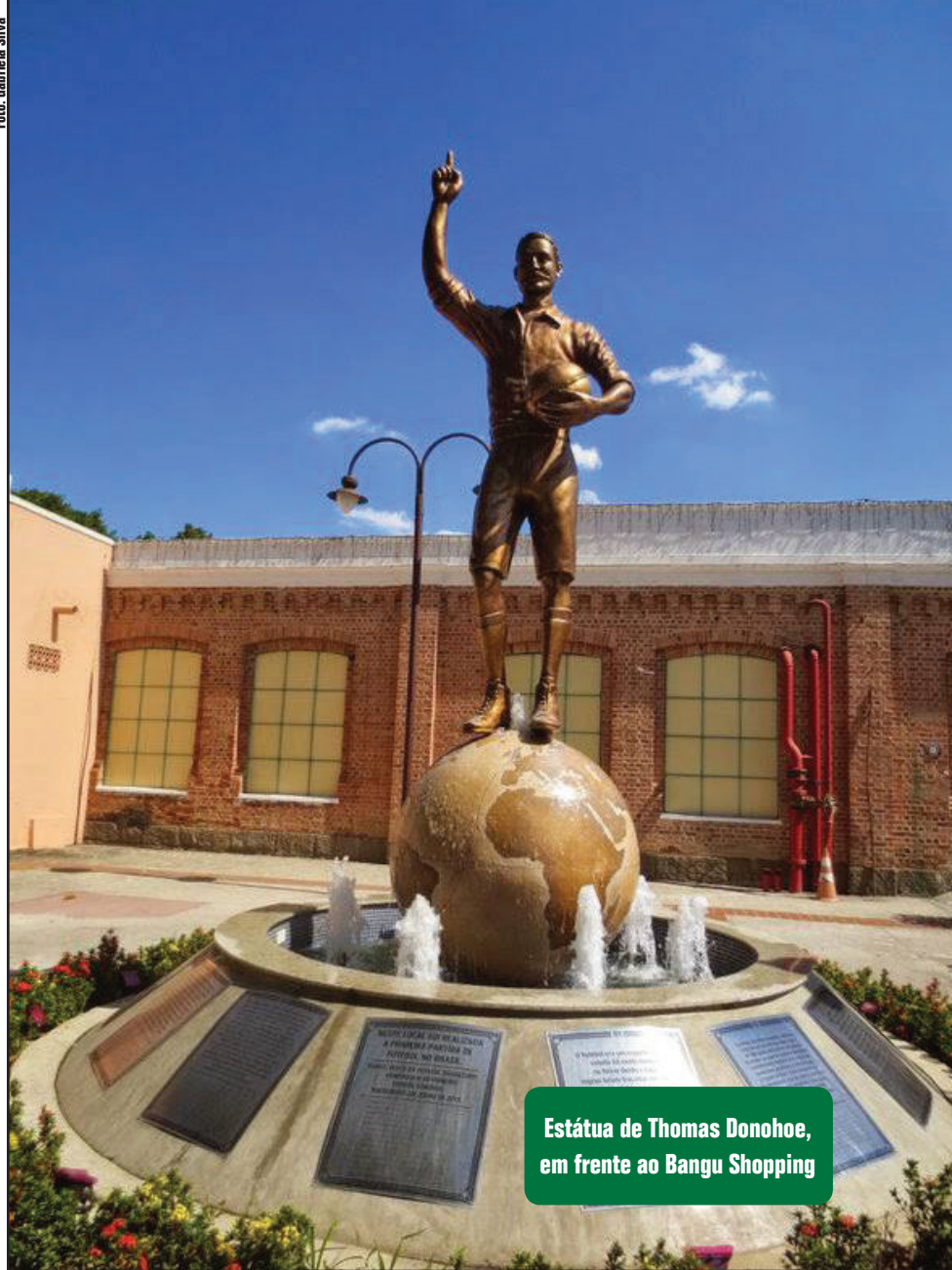
Foto: FutRio

Equipe de transmissão
do FutRio em ação

mo ano, o blog foi absorvido pelo site SRZD, do também jornalista Sidney Rezende, onde virou uma editoria e começou a crescer em público e reconhecimento. Emancipando-se em 2010, o FutRio virou um dos pilares fundamentais para manter as torcidas dos times de menor investimento informadas, expandindo sua cobertura do campeonato estadual. No ano seguinte, lançou a Rádio FutRio, que transmite até hoje todas as divisões do Carioca ao vivo e alguns jogos do Campeonato Brasileiro e da Copa do Brasil, além de ter uma programação diária com debates, entrevistas e programas especiais.

Renan Mafra, editor, comentarista e presente desde 2011 na equipe da qual tanto se orgulha de trabalhar, já conhecia todos os torcedores entrevistados pela nossa reportagem. Inclusive ofereceu o contato de mais seis que achou que seriam interessantes para a matéria. Figurinha carimbada nos jogos dos times de menor investimento, ele participa das transmissões da rádio, e mantém esse contato caloroso com os torcedores porque sabe que todos estão fazendo um esforço extra para estar ali: “A torcida dos times grandes e dos pequenos é parecida, mas é preciso ter aquela paixão a mais para conseguir acompanhar um time que não sai no jornal. Um torcedor do Flamengo não precisa ir ao estádio nem ao clube e sabe de tudo que está acontecendo se ligar a TV num canal de esportes. Em qualquer jogo dos quatro grandes vai ter uma equipe de transmissão. Já para os menores, muitas vezes nós somos os únicos. O público reconhece isso, dá um valor para a gente, e a gente dá muito valor a esse torcedor também.”

Ele avalia que os clubes devem reconhecer esse momento de crise como uma oportunidade de abraçar uma das singularidades de torcer para um time de menor investimento: a relação com o bairro, a comunidade e a tradição. “Tem times, como o Bangu e o Bonsucesso, homônimos de seus bairros, que têm uma história centenária, conseguem manter uma identidade de bairro, e acabam virando centros para suas comunidades. Essa é uma das saídas para conseguir um público novo, porque os resultados não vão conseguir fazer isso ainda”, diz Renan. Talvez por efeito disso, ele



Estátua de Thomas Donohoe, em frente ao Bangu Shopping

observa uma recente emergência de times de cidades do interior. Enquanto times como o São Cristóvão FC, primeiro campeão carioca rebaixado para a Série C, caminham com pernas bambas, surgem exemplos como o Boavista, clube fundado em 2004 na cidade de Saquarema (na região dos Lagos) e presente na elite do futebol carioca há 11 anos. “Algumas cidades são colocadas no mapa por causa do futebol, como por exemplo, Cardoso Moreira (no Norte Fluminense), que jogou a primeira divisão do Carioca em 2008. As pessoas não sabiam que o nome da equipe era o nome de uma cidade. A mesma situação aconteceu com Quissamã (também no Norte Fluminense). E essas cidades acabam abraçando o time. O time coloca a cidade no mapa, e acaba que a cidade abraça o time.” No outro lado do es-

pectro, dá o exemplo do America, que vendeu sua tradicional sede na Tijuca e se mudou para Edson Passos, no município de Mesquita. Desde então, as médias de público diminuíram e a relevância do clube para sua fiel torcida vem sendo lentamente apagada do bairro, agravando ainda mais a crise que vive o clube.

Mas Renan se mantém otimista. “Esses times com mais tradição vão chegar no que eles acham ser o fundo do poço, mas verão que têm mais poço embaixo e vão conseguir se reerguer. A gente vê um monte de times empresas, como o Audax [time comprado pelo grupo Pão de Açúcar, com o propósito de desenvolver e vender jogadores], aparecendo nos campeonatos estaduais, mas isso não vai durar, não. Os times tradicionais têm algo que não dá pra comprar: o amor do torce-

dor, que vai apoiar não importa o que aconteça.” O jornalista acredita que é esse amor incondicional que vai conseguir trazer de volta a energia para os estádios de bairro, que abrigam tanta tradição.

E esse amor contagia muita gente, como os cariocas Diego Mello e Rafael Machado. O que começou como a cobertura de um jogo em Madureira (na zona Norte do Rio) para um trabalho da faculdade de Diego virou hoje a Doze Futebol, empresa que tem como missão “defender a cultura da arquibancada que se perdeu nas arenas modernas”. Ambos com 23 anos – um fez jornalismo, o outro, design –, mas decidiram juntar suas câmeras para idealizar o projeto, que vem crescendo em reconhecimento depois de um vídeo viralizar nas redes sociais e entre veículos tradicionais da mídia. A página no Facebook começou apenas com imagens, mas logo se especializou na produção de vídeos, com um formato que procura expor o porquê de torcer por um time de menor investimento. “As pessoas ficam felizes de ver que tem gente ali que se importa em passar a imagem do seu clube de coração adiante. Às vezes nós pedimos para um torcedor falar sobre o amor ao seu clube e ele diz que não pode porque vai chorar muito.” Rafael acha que esse tipo de amor não é mais visto nas grandes arenas, principalmente com aumento do preço dos ingressos, que acabam selecionando apenas o torcedor que pode pagar, deixando uma parcela de fanáticos fora do estádio. Mas é uma relação que também vai além da arquibancada. É o hábito de acompanhar os treinos, conhecer os jogadores, esperar na porta do vestiário para celebrar uma vitória ou consolar uma derrota. É esse tipo de interação que fascina Diego, Rafael e boa parte dos seguidores da página. “Ele sente que faz parte do clube, e o clube é parte do seu bairro, da sua cidade. É por isso que o torcedor desses times se apaixonava tanto.”

Rafael tem a convicção de que esses clubes não vão acabar. “Enquanto houver torcida e algum nível de renovação, eles vão continuar aí”, defende. Ele cita o “bom” exemplo do Serrano FC [clube centenário fundado na cidade de Petrópolis], que passou muito tempo apagado: “de repente recebeu uma leva de torcedores entusiasma-

dos, e está aí, na Série B do Carioca”. Ele cita o exemplo de um torcedor da Portuguesa-SP, entrevistado quando esteve no Rio para um jogo contra o Bangu, que estava indignado com a gestão anterior e com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) – o time declarou falência e, em novembro de 2016, leiloou seu estádio para quitar dívidas. “Ele falou: ‘se a Portuguesa acabar, pode mandar me procurarem, porque ou eu vou estar morto ou tentando me matar’. É por causa dessas pessoas que não vão acabar. É essa teimosia da torcida.”

A opinião geral é que é difícil para alguns desses clubes voltarem a ser o que foram em seus tempos de glória. Em parte, porque muito do que foi escrito em suas histórias vem de conquistas estaduais. Com um amplo debate em voga sobre a reforma do calendário no futebol brasileiro, e uma série de problemas na gestão de federações, esses campeonatos, tão parti-

“ Às vezes nós pedimos para um torcedor falar sobre o amor ao seu clube e ele diz que não pode porque vai chorar muito ”

Rafael Machado, 23 anos (Doze Futebol)

culares do futebol brasileiro, perdem força a cada ano. E com isso, os times perdem sua principal fonte de receita e o pouco de exposição que conseguem nos grandes canais de mídia. Porém, um desses clubes conseguiu ter o seu momento de estrelato no cenário nacional, e não faz tanto tempo assim. Em 1985, a Taça Ouro (correspondente ao Campeonato Brasileiro) teve a participação de 44 times, mais que o dobro dos 20 que competem na primeira divisão no formato atual. E dentre todas as maiores potências do futebol nacional, certamente não foram muitos que apostaram num tradicional clube de bairro, oriundo da zona Oeste do Rio. No dia 31 de julho, o Bangu amargou talvez sua mais dolorosa derrota, em seu momento mais

glorioso. Perdeu a grande final nos penaltis para o Coritiba, diante de 91 mil torcedores que vibraram e apoiaram o alvirrubro até a última cobrança convertida pelo zagueiro Gomes, do clube paranaense. Nas arquibancadas do Maracanã estava Clécio Régis. Hoje com 57 anos, Clécio tem construído uma carreira premiada como cenógrafo, mas suas habilidades artísticas já lhe rendiam alguma notoriedade naquele dia, 32 anos atrás: “Eu soltei um balão com um escudo do Bangu escrito ‘Tôquio’ na frente, está lá registrado, na matéria do Globo sobre os trinta anos da final. Fui eu que fiz aquele balão. Entrei com ele escondido na jaqueta, e meu irmão levou a faixa, também na jaqueta. Naquele tempo não tinha muito essa coisa de revista no Maracanã, entrávamos até com fogos de artifício.”

Hoje, Clécio ainda recebe pedidos de entrevistas de jornalistas e de universitários. Parte por causa de seu trabalho, parte pela sua inesgotável fonte de conhecimento sobre o time que ama tanto. Foi ele o escultor da estátua de Thomas Donohoe, imigrante escocês que, de acordo com alguns historiadores, organizou as primeiras partidas de futebol do Brasil em 1894, no pátio da Fábrica de Tecidos Bangu, que hoje abriga o Bangu Shopping, e onde está exposta a estátua. “Patrick Donohoe, filho do Thomas, foi o primeiro a fazer um gol de bicicleta, em 1912! Vinte e seis anos antes do Leônidas da Silva! (jogador da seleção brasileira nas Copas de 1934 e 1938)”. Durante quase dez minutos, dá uma aula completa sobre os pioneirismos e recordes do Bangu Atlético Clube: primeiro time a escalar um jogador negro, participante do primeiro campeonato carioca, campeão do primeiro campeonato carioca na era profissional, primeiro a ter patrocínio na camisa, primeiro a desenvolver segundo e terceiro uniformes, primeiro campeão no Maracanã... Os olhos que brilham enquanto fala fazem parecer que ele se emociona com a história do clube como se ouvisse tudo pela primeira vez.

Seu tom sério conseguiu convencer que não poderia se ser de outro jeito. Desde a infância dura no Morro do Juramento (no bairro de Vicente de Carvalho, na zona Norte), Clécio já tinha uma afeição pelo time que vestia a camisa alvirrubra, e o sentimento

Um passeio pela história do futebol do Rio



Rio-Cricket



Fluminense



Paissandu



Bangu



América
primeiro escudo



América
escudo de 1914



São Cristóvão



Flamengo
primeiro escudo



Bonsucesso



Vasco da Gama

- 1894** A primeira partida de futebol foi realizada no bairro de Bangu (zona Oeste do Rio), local onde era comum a prática do esporte por funcionários ingleses da Fábrica de Tecidos de Bangu (fonte: historiador banguense Carlos Molinari)
- 1901** É realizada a primeira partida de futebol no estado do Rio de Janeiro, entre praticantes de cricket e tênis no Rio Cricket, em Niterói.
- 1902** É fundado o Fluminense Football Club, o primeiro clube de futebol do Rio de Janeiro que prosperou.
- 1904** Impulsionada pela criação do Fluminense, novos clubes são fundados. Bangu Atlético Clube, Botafogo Football Club e América Football Club iniciam suas operações futebolísticas.
- 1906** Dois anos depois é criada a primeira edição do Campeonato Estadual da Guanabara, com o Fluminense sendo campeão e o extinto Paissandu, vice.
- 1909** É fundado o São Christóvão Athletic Club que em 1943 se juntaria ao Club de Regatas São Christóvão dando origem ao São Cristóvão de Futebol e Regatas.
- 1912** No ano de fundação do futebol do Flamengo – clube que até então tinha apenas atividades de regatas – o Paissandu (localizado no Leblon, atualmente extinto) é campeão estadual da Guanabara.
- 1913** É fundado no bairro de mesmo nome o Bonsucesso Futebol Clube. No mesmo ano o América é campeão estadual pela primeira vez em sua história.
- 1915** O Club de Regatas Vasco da Gama inicia suas operações no futebol.
- 1916** O América conquista o segundo título estadual de sua história.
- 1920** O Bangu passa a ter o presidente mais jovem da história do futebol brasileiro. Ary Franco é eleito presidente do Bangu com apenas 20 anos.
- 1922** O América é consagrado tricampeão estadual.
- 1926** O São Cristóvão é campeão estadual da Guanabara.
- 1928** O América é campeão estadual pela quarta vez.
- 1931** O América é campeão estadual pela quinta vez.
- 1932** O ídolo do Bonsucesso e craque brasileiro Lêonidas da Silva faz o que para muitos foi o primeiro gol de bicicleta da história do futebol.
- 1933** No que seria a primeira edição do Campeonato Carioca profissional, o Bangu é campeão estadual pela primeira vez em sua história.
- 1935** O América é campeão estadual mais uma vez, o seu sexto título da história.
- 1948** O Bangu inova mais uma vez e se torna o primeiro time do Brasil, e talvez do mundo a ter patrocínio estampado em sua camisa. No mesmo ano, o clube da Zona Oeste se tornou o primeiro time do Brasil a ter três uniformes de jogo.
- 1950** O Bangu se torna o primeiro time a ganhar um título no Maracanã, o Torneio Início, contra o Vasco da Gama.
- 1960** O América é campeão estadual pela sétima vez. No mesmo ano o Bangu foi campeão da International Soccer League, competição realizada em Nova Iorque e organizada pela FIFA, reivindicado pelo clube como um título mundial.
- 1962** O América também é campeão da International Soccer League.
- 1966** O Bangu ganha seu segundo campeonato estadual.
- 1981** O Bangu se torna o primeiro clube a ter o mascote (um castor) estampado em seu uniforme.
- 1982** O América é campeão do Torneio dos Campeões, competição que teve a participação de todos os campeões e vices de competições nacionais oficiais já disputadas no Brasil (Campeonato Brasileiro, Torneio Roberto Gomes Pedrosa e Taça Brasil) e do Torneio Rio-São Paulo.
- 1985** O Bangu é vice campeão brasileiro, perdendo nos pênaltis para o Coritiba no Maracanã. Marinho, craque e ídolo banguense, é eleito o melhor jogador da competição.
- 1986** Com o vice campeonato no ano anterior, o Bangu participa da Copa Libertadores da América pela primeira vez, se tornando a única equipe carioca, além dos chamados quatro grandes, a participarem de uma competição sul-americana oficial.
- 2003** Mantendo o pioneirismo, o Bangu se torna o primeiro clube do Brasil a ter uma presidente mulher.

se transformou quando, aos 11 anos, se mudou com a mãe para o Conjunto Habitacional Dom Jaime Câmara, no bairro que vive e cultua até hoje. “Quando dei de cara com a Vila Operária, pensei: ‘Isso aqui é um paraíso, estou em Londres!’ Nós temos um clube que se confunde com a história do bairro, um bairro operário, que se confunde com a história da fábrica de tecidos que exportou moda para o mundo. Ainda temos um estádio que vai completar 70 anos, feito por operários, para operários e inaugurado por Luiz Carlos Prestes(, olhe que coisa fantástica!”

Entre as fotografias que lotam as paredes de seu atelier, que vão de celebridades a momentos importantes da carreira, figuram imagens do ex-presidente Lula e do Partido dos Trabalhadores. De repente é mais fácil compreender a paixão que sente pelo bairro que mora, construído na década de 1890, imitando a arquitetura dos bairros operários ingleses, e sua devoção ao clube a partir desta perspectiva. É essa sensação de pertencimento

“Estamos 29 anos apagados, mas tudo o que o Bangu fez no passado não vai se apagar”

Clécio Régis, 57 anos

envolve a ainda presente torcida do clube, que segue fiel ao seu clube de bairro: “Eu posso dizer que nós somos mais fanáticos até mesmo que torcedores de Corinthians e Flamengo, porque eles têm motivos para isso, são títulos em cima de títulos, mídia... E o Bangu? O Bangu pode jogar no quinto dos infernos e leva a torcida dele, a bandinha dele.” O filho Yuri, de 19 anos, é banguense, nem pela seleção brasileira torce. Clécio conta que, contrariando as expectativas, a partir do rebaixamento no Campeonato Carioca em 2004 – ano do centenário do

clube – a torcida tem abraçado mais o time, especialmente os mais jovens: “É questão de tempo isso aí, as torcidas estão se renovando, tudo está se renovando”. E depois completa, com esperança: “Estamos 29 anos apagados, mas tudo o que o Bangu fez no passado não vai se apagar. Como um clube de tradição, histórias e glórias fantásticas vai ser apagado? Jamais!”

É o desafio que confronta diariamente estes torcedores, jornalistas, fãs do futebol e de seus times de coração. Com seu amor desafiado cada vez mais por todos os tipos de problemas, os clubes tentam apoiar-se em suas histórias e glórias do passado para tentar não virar vítimas delas. Seja através das iniciativas como as de Anderson e George ou projetos como o FutRio e o Doze, é possível vislumbrar um mercado em potencial que talvez consiga resgatar e manter viva toda essa tradição que marcou, e ainda marca, a vida de muitos apaixonados pelo clubes de menor investimento. **Z**

Versão online da reportagem: www.parlamidia.com/torcidas

Escola de Comunicação

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

50
anos